

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E
METODOLOGIAS COLABORATIVAS**

CAROLINA BARROS PIMENTA

**COMO A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO PODE CONTRIBUIR
PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

Rio de Janeiro – RJ

2018

CAROLINA BARROS PIMENTA

**COMO A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO PODE CONTRIBUIR
PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

Monografia apresentada à coordenação da pós-graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas como cumprimento parcial das exigências para a conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a. Dr. Simone Freitas Chaves

Rio de Janeiro – RJ

2018

Pimenta, Carolina Barros.

Como a pedagogia da cooperação pode contribuir para uma reflexão sobre a práxis pedagógica / Carolina Barros Pimenta. – 2018.

80 f. : il. color., gráficos, tabelas, fotografias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) apresentado à pós-graduação *lato sensu* da Universidade Paulista, Rio de Janeiro, 2018.

Área de concentração: Pedagogia da cooperação.

Orientador: Profa. Simone Freitas Chaves.

Coorientador: Profa. Alexandra Witte Cruz Machado.

I. Pedagogia da cooperação. 2. Ensino superior. 3. Formação docente. I. Chaves, Simone Freitas (orientador). II. Título.

**COMO A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO PODE CONTRIBUIR
PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁXIS PEDAGÓGICA.**

Monografia apresentada à coordenação da pós-graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas como cumprimento parcial das exigências para a conclusão do curso.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr. Simone Freitas Chaves

Co-Orientadora: Prof^a. Esp. Alexandra Witte Cruz Machado

Professor avaliador: Prof. Ms. Fábio OtuziBrotto

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho à Deus.
À minha mãe Fátima Pimenta por ter possibilitado a realização desta pós que transformou minha jornada. Ao meu filho Pedro Pimenta e ao meu marido Richard Clarke pelo apoio e amor constante.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela orientação e amor incondicional.

À minha mãe Fátima Pimenta por acreditar em mim e contribuir para a minha formação em todos os sentidos.

Ao meu filho Pedro Pimenta por ser luz no meu caminho.

Ao meu marido Richard Clarke pelo amor e apoio constantes.

À minha tia Rita Rivello pelo carinho e incentivo.

À minha irmã Mariana Pimenta por me apoiar sempre.

Agradeço à Janaina Maciel Braga, à Rosangela Laranja e ao Guilherme Mataroli pela amizade e colaboração durante a jornada.

À minha orientadora Professora Simone Freitas Chaves pelo carinho e contribuição para que este trabalho se torne mais sensível.

À minha co-orientadora Alexandra Witte Cruz Machado pelo empenho e atenção constantes. Gratidão ao ser humano incrível que é.

“(...) as pessoas não são competentes porque são competitivas, e sim pela capacidade que têm de entender a essência do negócio em que atuam e de responderem aos desafios que lhes são apresentados com os seus conhecimentos, habilidades, atitudes e valores”.

(Robson Santarém)

RESUMO

O presente estudo ressalta a importância da Pedagogia da Cooperação nos processos ligados a educação e a necessidade dos alunos serem protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Além disso destaca o novo olhar que o docente deve ter para essa modalidade de ensino. Para tanto, realizei aplicação da metodologia com futuros docentes da faculdade de Pedagogia do Instituto Superior Anísio Teixeira, utilizando como ferramenta as sete práticas da pedagogia da cooperação. Considerando que no século XXI o docente deveria refletir para além da educação tradicional e ressignificar o processo de ensino aprendizagem através de uma perspectiva mediadora, percebo a necessidade de tornar a aplicação das sete práticas, assim como outras ferramentas colaborativas, mais frequente nas instituições de ensino superior no Brasil.

Palavras-Chave: Pedagogia da Cooperação; Ensino Superior; Formação docente.

ABSTRACT

The current study brings out the importance the Pedagogy of Cooperation has on the educational processes of teaching and the need to make the students the major players of their own learning process. It also highlights the new perception the teacher must have for this modality of teaching. Therefore, I implemented this approach with futures teachers who are studying Pedagogy at Instituto Superior Anísio Teixeira, using, as a tool, the seven actions, practices the Pedagogy of Cooperation recommend. Considering that in the XXI century, the teacher should be able to reflect beyond the traditional way of teaching and giving a new meaning to the teach-learning process through a mediating perspective, I realized the need of making the use of the seven practices, as well as others collaborative tools, more frequent among the academic institutions in Brazil.

Key words: Pedagogy of Cooperation; Academic Institutions; Teacher Training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: O início de tudo	09
2. EDUCAÇÃO E PRÁTICAS COLABORATIVAS	12
2.1 Princípios da Pedagogia da Cooperação	14
2.2 Procedimentos da Pedagogia da Cooperação	18
2.3 Processos da Pedagogia da Cooperação	21
3. ENFOQUES E PERCEPÇÕES NA PRÁTICA: aplicação no curso de Pedagogia	28
3.1 Diário de Bordo: focalização no Instituto Superior Anísio Teixeira	29
3.2 Narrativas ao longo do processo	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: e vamos nós outra vez...	52
REFERÊNCIAS	53
ANEXO I – Imagens reveladoras	55
ANEXO II – Perguntas provocativas	71

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do incômodo crescente de quatro pessoas que, ao concluir o curso de pós-graduação em pedagogia da cooperação, decidiram intervir no campo da educação. A escolha aconteceu durante a aula em que deveríamos trazer possíveis assuntos que gostaríamos de abordar e formar grupos de acordo com o tema de interesse. Nosso grupo, composto por três mulheres e um homem, escolheu o tema motivado pelo incômodo com a educação no país.

Guilherme comanda um projeto lindo que oferece toda educação básica, de forma gratuita, em uma comunidade do Rio de Janeiro. Janaína é uma talentosa e destemida professora de inglês de uma escola particular em Niterói. Rosângela é uma orientadora educacional divina e guardiã de toda memória da turma desta pós-graduação.

Sou professora da educação integral em uma escola particular de Niterói, além de atuar como professora do curso de graduação em Pedagogia no Instituto Superior Anísio Teixeira. Tenho formação em Turismo e Pedagogia, formação estas, motivadas pelo desejo de trabalhar com a educação fora dos moldes tradicionais. A motivação nasceu com um projeto de turismo pedagógico e foi se desenvolvendo no sentido de testar outras habilidades e ferramentas da educação “fora da caixa”. Me especializei em administração, supervisão e orientação educacional e concluí o mestrado em educação para que pudesse atuar diretamente na formação docente.

O pleno desenvolvimento do ser humano têm sido objeto de minha atenção. Isso porque percebo que apesar de constar no artigo 205 da Constituição Federal do Brasil, ele tem sido desconsiderado. Acredito que a escola é inábil no trabalho com as emoções e nas relações humanas. Apesar disso pensa estar atendendo a lógica do mercado de trabalho quando na verdade o tal mercado mudou.

Na atualidade, trocamos o nome de mercado de trabalho para mundo do trabalho pensando na modificação consequente das relações de trabalho. A relação de passividade do trabalhador do século passado, deu lugar a relação ativa na produção de conhecimento e na relação com a criatividade. Estar ativo hoje significa encorajar-se com audácia, gostar de desafios, ter equilíbrio emocional e saber relacionar-se com as pessoas.

A lógica inversa disso, seria o que na verdade a escola faz, ao tentar produzir pessoas nos moldes tecnicistas. A escola trabalha com ensino de conteúdos em disciplinas estratificadas, com alunos enfileirados e professores que só podem fazer cumprir o currículo pré-estabelecido. Tudo isso traduz na lógica da formatação, falta de estímulo a análise crítica e ausência de trabalho mas questões emocionais e interpessoais.

Enquanto fala-se da importância da produção de um projeto político pedagógico que atenda a visão de um mundo melhor para todos, a escola produz (e quando produz), elabora este documento de forma isolada e manipuladora. A necessidade de atender a uma suposta necessidade do mundo do trabalho, faz com que não repensem as ações da escola e continuem a estimular uma lógica obsoleta de séculos atrás.

Conforme indaga Santarém (2016, p.24), “já percebeu que, se de um lado estimula-se a competição, paradoxalmente, cada vez mais são exigidas atitudes que sejam diferencial nas relações de trabalho”? O autor possui larga experiência em empresas e percebeu que a demanda atual é para o desenvolvimento de um trabalho em equipe, cooperativo, proativo, com capacidade de escuta e atendimento personalizado aos clientes, além de “visão mais transcendente do trabalho” (ibidem, p.24).

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido baseado nos ideais de cooperação e não competição, visa contribuir para uma sociedade mais justa e humana. Respaldados nesse propósito de vida, eu, Janaina, Guilherme e Rosângela, realizamos um trabalho de aplicação das sete práticas da pedagogia da cooperação no Instituto Superior Anísio Teixeira (ISAT), no município de São Gonçalo, RJ. Este trabalho buscou desconstruir padrões de educação vistos nas escolas em que atuam os alunos do curso de pedagogia.

A intervenção do nosso grupo ocorreu em uma turma que continha alunos do primeiro e quarto período do curso de pedagogia desta instituição. A heterogeneidade do grupo propiciou momentos ímpares de troca de experiência. Nesse mote, buscamos alcançar o que Santarém (2016, p.25) propõe quando diz que “é preciso enfatizar que a educação existe para construir e alcançar um ideal de vida, que é o desafio do futuro, e apoiar os educandos na definição de seus propósitos”. Trabalhamos metodologicamente com a pesquisa-ação por ser um modelo que permite interferir no fenômeno a ser estudado.

Neste sentido, buscamos identificar o problema da pesquisa que consiste no estudo da formação de professores no curso de graduação em pedagogia e o quanto são impactados por novas práticas de educação. Na busca pela compreensão do problema apresentado, utilizamos como referência a dicotomia entre competição e cooperação. Percebemos que as instituições educacionais agem de acordo com uma intenção socialmente construída a partir do padrão que adota.

O modelo de intervenção foi pautado nas sete práticas da pedagogia da cooperação que consiste no trabalho com o contato intra/interpessoal e do grupo, na realização de contrato elaborado pelo próprio grupo, nas inquietações que surgem ao longo do processo, no fortalecimento dos laços no grupo, nas soluções para as inquietações apresentadas, na elaboração de um ou mais projetos comuns e por último, na celebração como forma de reconhecimento do caminho trilhado.

2. EDUCAÇÃO E PRÁTICAS COLABORATIVAS

O educando é sujeito quando a questão em voga é seu próprio aprendizado. Apesar disso, a oferta do ensino tradicional é divulgada com destaque. Esta lógica não seria tão obtusa se não trouxesse tantas divergências de comportamento e concepção de sociedade que planejamos ter.

O ensino tradicional costuma ter como característica salas de aula cheias de alunos, carteiras enfileiradas, transmissão de conteúdo, dentre outros aspectos. Freire (2006) traduz esse movimento ao falar que o aluno é tratado como um fiel depositário de conteúdos prontos e estipulados por alguém que os selecionou e fragmentou.

A existência e o reconhecimento de instituições educacionais, que visem um ensino para além dos conteúdos, ainda é tênue. Movimentos que emancipam ao invés de aprisionar, tampouco.

Freinet que há muito criou embates contra o ensino tradicional, mostrou oposição aos manuais escolares da década de 1920. O autor desconsiderava a perspectiva de uma teoria isolada da prática e de seus problemas cotidianos. Sobre a falta de protagonismo dada aos educandos pela escola, Freinet (Freinet *apud* Elias, 2010, p.34) ressaltava que "se nós não encontrarmos respostas adequadas a todas as questões sobre educação, continuaremos a forjar almas de escravos em nossos filhos".

Os documentos oficiais, impostos pelo Estado como doutrina, coexistem com as possibilidades de ruptura incentivadas pelo próprio Estado. No ano de 2015, o Ministério da Educação – MEC, criou o Programa de Estímulo à Criatividade na Educação Básica e decidiu mapear escolas que ofertassem uma educação diferenciada. Para tanto, o MEC mantém um site na internet, cuja responsabilidade é divulgar e apoiar iniciativas inovadoras e criativas de educação.

A Diretriz Curricular Nacional, apesar de doutrinária, assegura que o currículo "deve difundir os valores fundamentais do interesse social [...], do respeito ao bem comum e à ordem democrática, bem como considerar [...] a promoção de práticas educativas formais e não-formais" (DCN, 2013, p.27). De acordo com o artigo 205 da Carta Magna (CF, 1988, art. 205), a educação deverá ser "promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa".

O artigo 205, compreendido como um direito a ser assegurado pelo Estado e pela família, corrobora com o entendimento do que vem a se constituir como currículo

nas escolas. Isso significa romper com a lógica do currículo imposto e estabelecer relações de ensino aprendizagem que se aproximem de uma concepção para além da cognitivista. Ignorar essa possibilidade, como diria Freire (1987), seria um processo de desumanização.

Foucault, ao analisar as relações de poder, percebe cumplicidade na interlocução dominado-dominador. O sujeito é submetido pelo outro e por si próprio quando internaliza as técnicas de controle fabricadas pelo poder. Neste caso, questiono as relações horizontais e competitivas estabelecidas no/pelo ensino tradicional.

Paulo Freire defendia a educação como aquela que capaz de emancipar o educando. Mas não é sempre que essa relação é estabelecida. Freire (1987, p. 43) já trazia a ideia da emancipação como aquela antagônica à sujeição do sujeito: "Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, como outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento". A questão da sujeição do sujeito encontrada em Foucault (1979, p. 231) discute as relações de poder sob o modo pelo qual "em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos".

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros tem que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1979, p.237).

Freire (1987, p. 43) corrobora com Foucault na medida que entende que fazer dos sujeitos "objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros". Logo, a luta pela emancipação pode libertar educandos e educadores em busca de um currículo não-alienante. Permitir que se construa a ideia do educando como protagonista na relação ensino-aprendizado, seria portanto, torná-lo autor de sua própria história, superando o autoritarismo da educação bancária e a "falsa consciência de mundo" (ibidem).

Dentre os movimentos emancipatórios, entre aqueles que estão na contramão do ensino tradicional e competitivo, destaco a pedagogia da cooperação como uma possibilidade de reflexão para um posicionamento que me leva a utilização de medidas

colaborativas para uma sociedade menos desumana e desigual. Ainda neste contexto, a pedagogia da cooperação é capaz de promover melhor alternativa para viabilizar o protagonismo do educando, emancipando dessa forma os saberes que até então estavam aprisionados e fragmentados.

Gatti (2016, p. 39) destaca que "educar na escola sem perspectivas sociais e filosóficas claras torna-se um fazer fragmentário, um amontoado de fazeres sem um pensamento que articule modos de ser e realizar". Os saberes e as práticas colaborativas, incentivam o protagonismo do educando com relação ao processo ensino-aprendizagem e favorecem o desenvolvimento de relações interpessoais.

Ainda assim, cresce na atualidade, movimentos como a pedagogia da cooperação.

A pedagogia da cooperação é, de acordo com Fábio Brotto “um conjunto de sinais, indicadores, pistas e toques, para orientar a caminhada daqueles que se aventuram pelas trilhas da Cooperação rumo ao centro essencial de sua própria Comum-Unidade.” (2016, p.1).

É uma pedagogia viva, acontecendo em alguns momentos e em muitos Movimentos, sendo organicamente articulada com os passos e com-passos dados ao longo do caminho... Por quem caminha. É uma jornada de realização exterior para promover a transformação interior... Da pessoa e do grupo. (ibidem).

Brotto (ibidem) organiza a pedagogia da cooperação em momentos transdisciplinares e articulados entre si.

2.1. Princípios da Pedagogia da Cooperação

Iniciando essa caminhada pelas trilhas da Pedagogia da Cooperação é bom verificar o que trazemos na mochila, perceber que uma bagagem que reúne o passado e o futuro é essencial para assegurar o presente.

Pensar numa Pedagogia da Cooperação é pensar sobre uma Filosofia da Cooperação que possui princípios, valores, visão de mundo, perspectivas sobre a co-existência humana como bagagem essencial para uma boa jornada.

A seguir serão apresentados os 4 Princípios que dão base a Pedagogia da Cooperação: Co-existência; Com-vivência, Cooperação e Comum-Unidade; além de um conjunto de Procedimentos que podem servir como base, visando promover a cultura da Cooperação auxiliando no desenvolvimento de Comum-Unidades Colaborativas.

O Princípio da Co-existência ajuda a compreender que estamos todos juntos num mesmo e grande Jogo-Vida e que seja lá o que alguém pensa, sente, faz ou não faz afeta todos os outros e é afetado por todo mundo, sem exceção, é condição fundamental para avançar neste processo de aprimoramento de Coexistência Humana.

A conscientização da Interdependência é uma característica baseada em fatos de nossa existência e ajuda a perceber o quanto de Cooperação é necessário resgatar para perceber questões da atualidade em que vivemos. Somos tocados diretamente por tudo que ocorre na vida de todo mundo, em todo e qualquer lugar e o tempo todo. E é através de conceitos já conhecidos de tradição, moral e ética que pode-se costurar nossa interdependência, na qual a tradição traz homogeneização para os aspectos do nosso passado, a moral determina a ação conforme as regras, as normas instituídas e a ética questiona aquilo que funda a moral, analisa as fontes, suas bases e princípios. É uma reflexão sobre a própria moral. Ou seja, a moral pode ser herdada mas a ética se constrói.

Ter esses conceitos faz com que saibamos que ser interdependente é antes de tudo renovar a visão que se tem sobre as diferentes relações que são estabelecidas com os outros.

O Princípio da Com-vivência nos coloca no sentido de que somos por inteiro e não vários “eu” individualizados. Se conhecermos um pouco melhor o outro, podemos entendê-lo, ajudá-lo e conviver pacificamente, sendo que se É. Quando não se reconhece o outro, não há estímulos para uma boa com-vivência.

Muito tem sido transformado para se facilitar a convivência entre os diferentes, contudo, o destaque que se propõe aqui é para a inclusão, inclusão das pessoas com ideias, sentimentos, visões, sensações, atitudes, comportamentos, valores e relações diferentes daquelas que se pressupõe ser a melhor ou a mais correta.

O mundo está mudando, nós estamos em constante mudança, por isso é importante se ver através dos olhos do outro. As mudanças acontecem para todos e é a

forma como são vistas e sentidas que vão nos colocar num mundo de cooperação onde a coletividade passa a ser o grande trunfo para evoluir juntos enquanto sociedade. Criar um ambiente de inclusão é possibilitar a com-vivência de todos e todas que queiram (incluindo aqueles que não queiram) fazer parte do Jogo de Aprender a Vencer quem se É.

O desafio enquanto Pedagogos da Cooperação é re-criar a todo instante as (im)possibilidades educativas para estimular o envolvimento de todos e todas. Saber-se uma pessoa importante e valiosa por ser exatamente quem se É e, ao mesmo tempo, reconhecer que cada uma de todas as outras pessoas é tão importante e valiosa como eu sou, constitui a pedra filosofal desta Pedagogia.

O Princípio da Cooperação pode se expressar no desenvolvimento da Cooperação como um exercício de corresponsabilidade para o aprimoramento das relações humanas em todas as suas dimensões e nos mais diversificados contextos, deixou de ser apenas uma tendência, passou a ser uma necessidade.

É preciso nutrir e sustentar permanentemente o processo de integração da Cooperação no cotidiano pessoal, comunitário e planetário, reconhecendo-se como um “estilo de vida”, uma conduta ética vital, que esteve consciente ou inconscientemente presente ao longo da história de nossa civilização. Pode-se inferir que, há uma natureza humana possível de ser afirmada, como sendo uma natureza de possibilidades. Isto é, pode-se escolher o que se quer Ser como pessoa e sociedade.

Diante desse contexto, somos socializados e socializamos os outros para a Cooperação e Competição através da educação, da cultura, do esporte e da informação. Portanto, tornar a sociedade Solidário-Cooperativa ou Solitário- Competitiva é uma ação política, isto é, uma arte pessoal e coletiva capaz de realizar o melhor possível para todos.

Nesse sentido, Maturana e Varela, nos apresentam o conceito de Autopoiese para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos. Esses sistemas são autopoieticos por definição, porque recompõem continuamente os seus componentes desgastados. Pode-se concluir, portanto, que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto. O termo traduz o que ele chamou de “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”. Para exercê-la de modo autônomo,

eles precisam recorrer a recursos do meio ambiente. Em outros termos, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes.

Fortalecendo essas ideias, Maturana ainda ensina que, os seres humanos não são apenas animais políticos, mas, sobretudo “animais cooperativos”. Para ele, a cooperação é central na maneira humana de viver, como uma característica de vida cotidiana fundamentada na confiança e no respeito mútuo.

Para promover a mudança necessária, pode-se criar espaços para uma nova maneira de olhar uns aos outros e a si mesmo, para então, alterar a maneira de conviver por meio do aprimoramento das habilidades de fazer com-tato e de co-operar consigo mesmo; com o outro; com o Inteiro-ambiente; e com toda a Comum-unidade humana.

Cooperação, confiança e respeito mútuo parecem ser um dos alicerces principais para a co-evolução humana. Para isso, precisamos reaprendê-los, desenvolvendo o interesse pelo bem comum e o compromisso com o florescimento de uma Comum-unidade humana real exercitada e cultivada no cotidiano.

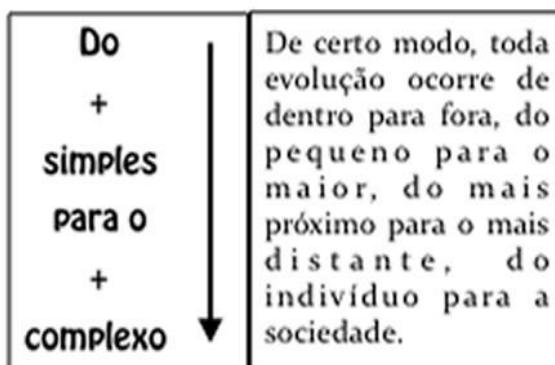
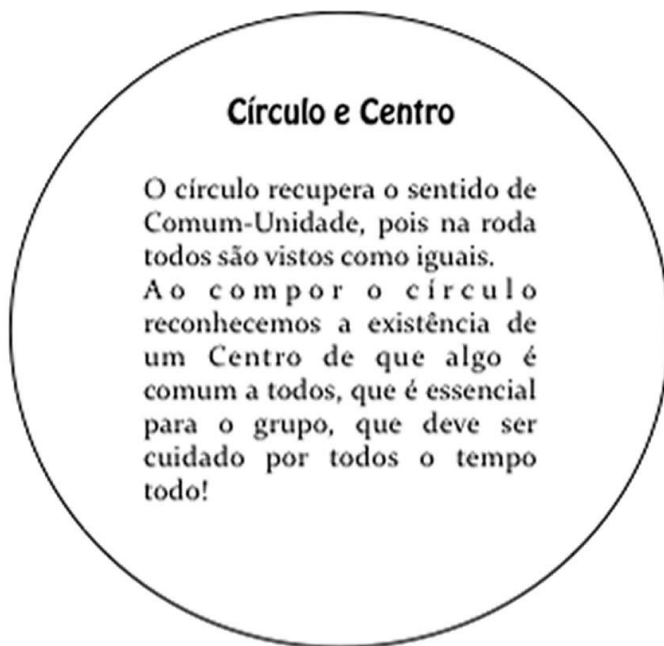
Considerando a Co-Existência como um fato da vida, a Com-Vivência como uma condição social e a Cooperação como uma prática diária, pode-se imaginar o Princípio da Comum-Unidade como sendo aquele que cria um ambiente adequado para cultivar o Espírito de grupo. “A reconstrução de comunidade é um projeto estratégico diante da necessidade de reinvenção de nossos modos de habitar o mundo”. (Simas, 2013, p.23)

Muito de nós sente como é forte o impulso para agregar-se a outros, para se aproximar e constituir grupos, times, famílias e turmas. Ao mesmo tempo, sabe quão desafiador é criar boas condições para a sustentabilidade dessas pequenas e complexas Comum-Unidades que são criadas ao nosso redor. Esse paradoxo ocorre porque toda vida se configura como seres individuais que imediatamente se lançam a criar sistemas de relacionamentos. Esses indivíduos e sistemas surgem de duas forças aparentemente conflitantes: 1º) A necessidade absoluta de liberdade individual. 2º) A inequívoca necessidade de relacionamento. Vale lembrar que em comunidades humanas, as condições de liberdade e de união são mantidas vibrantes, concentrando-se no que acontece no coração da comunidade e não se fixando na formas e estruturas da mesma. É necessário saber cuidar do que está no CENTRO de todo e qualquer grupo: a liberdade para ser quem se é e ao mesmo tempo cooperar para o bem comum.

Compartilhar cotidianamente sobre a articulação de nossas intenções, atitudes e comportamentos no ambiente da Comum-Unidade que se sonha realizar, pode ser um hábito simples e maravilhoso, suficientemente poderoso, não para mudar o mundo, mas para torná-lo mais transparente, acessível, compreensível, sensível ...e possível para todos, sem excessão!!

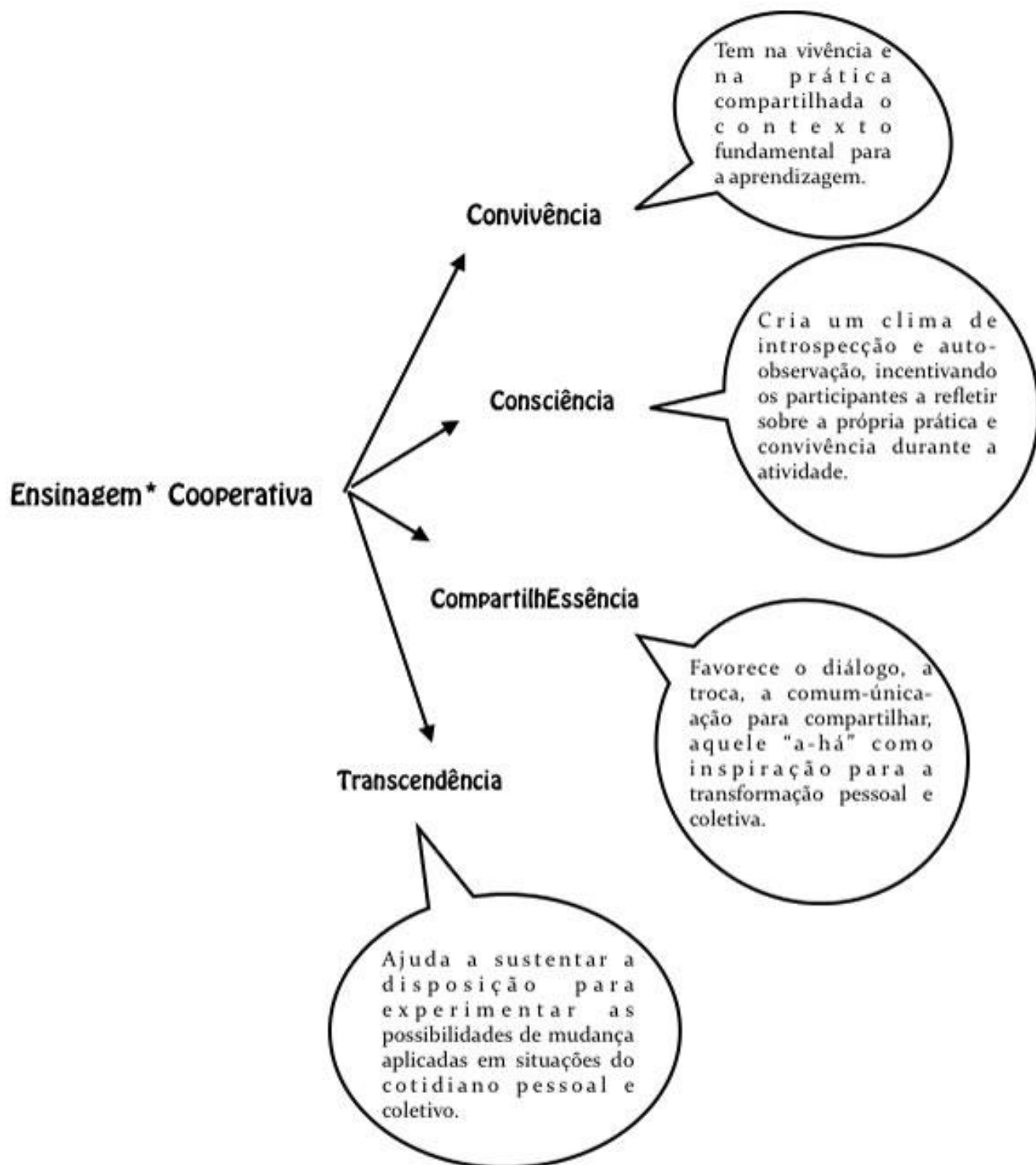
2.2. Procedimentos da Pedagogia da Cooperação

Apresentados os Princípios voltemos agora para conhecer os Procedimentos, que mais do que indicar “o que” fazer eles sugerem “um jeito/forma” de fazer criativo e diferente.

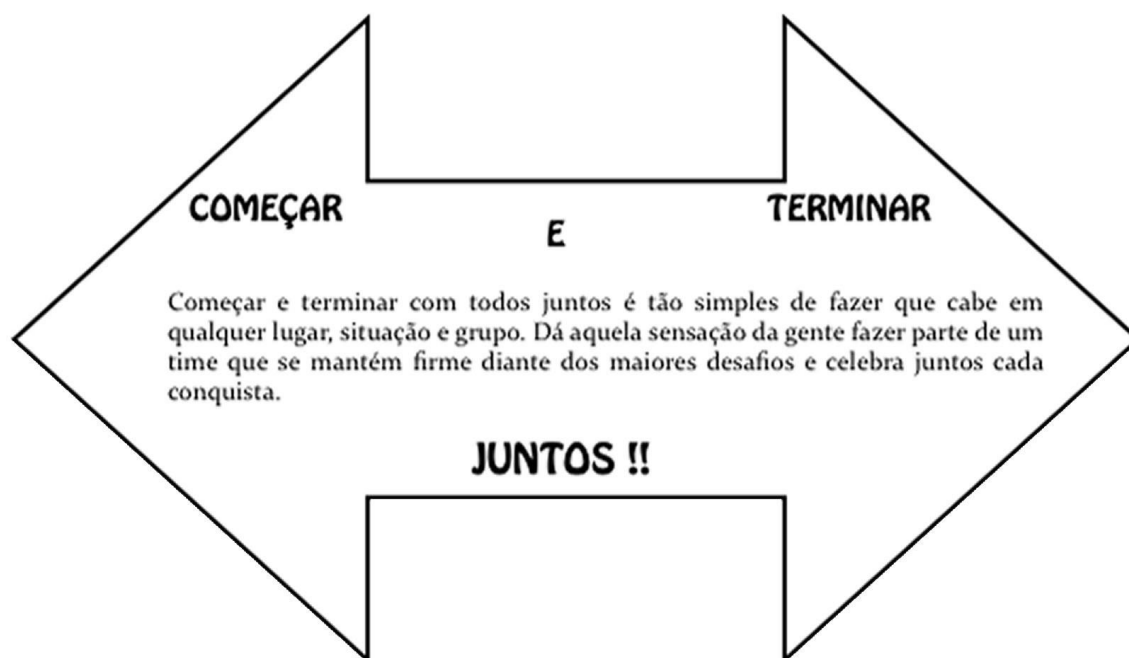




Enquanto Pedagogos e Pedagogas da Cooperação, nossa tarefa é criar e manter um ambiente de Co-Educação, sempre nos sabendo Mestres-Aprendizes da Cooperação, contribuindo para o desabrochar da Consciência de Cooperação em todos.



* Ensinaagem representa a síntese entre o ensino e a aprendizagem, onde um co-existe com o outro. Esse termo foi criado pelo Prof. Dra Neyde Marques, da UFBA e do Centro de Desenvolvimento Humano.



Este conjunto de Procedimentos pode ser tomado como inspiração didático-pedagógica para fomentar a integração e a cooperação durante as intervenções com todas as comunidades.

2.3 Processos da Pedagogia da Cooperação

A Cooperação é o terceiro princípio da pedagogia da cooperação. Orlick (1978) aborda a necessidade de uma alternativa para melhorar nossa qualidade de vida. Com esse fim, ele vai mostrando todas as implicações da competição como algo desagregador e que vai baixando a auto-estima de milhares de pessoas. Orlick pesquisa e convive com povos que têm como base nas suas relações a cooperação. Mostrando a diferença dentre competição e cooperação.

Os processos da Pedagogia da Cooperação trabalham no sentido de agregar atividades que propiciem essa mudança de paradigma (das relações competitivas para as relações cooperativas). Para tanto, Brotto (2013) reúne conhecimentos e experiências colaborativas ao longo de sua trajetória para elaborar os “Processos Facilitadores da Cooperação”, assim como as 7 Práticas da Pedagogia da Cooperação, a seguir:

- 1ª Prática – Com-tato
Este é o primeiro passo para a introdução de um trabalho em grupo já que visa a integração, a aproximação, acolhimento e o desprendimento do grupo.
- 2ª Prática – Com-Trato
É o segundo passo das práticas. O grupo elabora de forma coletiva os acordos que facilitem a convivência e o que será necessário para que ele se sinta bem ao longo do processo.
- 3ª Prática – In-quieta-ações
É quando o grupo coloca suas dúvidas e questões com relação a determinado tema.
- 4ª Prática – Fortalecer Alianças e Parcerias
É quando o grupo, em processo de integração, já pode estreitar mais os seus laços e realizar atividades mais complexas que necessitem de confiança e participação do outro.
- 5ª Prática – Soluções Como-uns
Nesta prática, são escolhidas as inquietações mais significativas ao grupo para que o mesmo encontre as melhores soluções.
- 6ª Prática – Projetos de Cooperação
Os projetos serão elaborados ao longo desta prática e poderão ser de curto, médio ou mesmo longo prazo, contemplando as soluções da etapa anterior que conduzam a praticas colaborativas.
- 7ª Prática – Celebração
É o momento de reunião do grupo, comemorando as aprendizagens e reconhecendo o processo do Ven-Ser juntos.

A ideia de Brotto ao dizer que “as práticas e metodologias colaborativas buscam promover um ambiente onde todos podem VenSer”, colabora para desmistificar a cooperação e torná-la um processo prático e simples. O vir a ser constitui a integralidade da ideia de formação do homem.

A seguir, a tabela descreve os processos comumente utilizados na pedagogia da cooperação. Dentre esses, optamos por utilizar na nossa aplicação, os jogos cooperativos e as danças circulares. Nesse mote, os processos deverão ter às

características como diversão, liberdade, VenSer (todos devem vencer, respeitando o vir a ser de cada um) e estratégias compartilhadas.

Tabela 1: Processos Colaborativos

<i>Processos Colaborativos</i>	<i>O que é</i>	<i>Como reconhecer</i>
Jogos Cooperativos	São jogos com uma estrutura alternativa, em que os participantes jogam uns com os outros e não contra, o objetivo é superar desafios, ter diversão e prazer.	São divertidos, todos os jogadores tem um sentimento de vitória, aprende a compartilhar e confiar, solidarizar-se com o sentimento do outro, senso de unidade, autoconfiança e etc.
Danças Circulares	Expressam a essência divina de cada ser humano. Quando um ser se une ao outro em círculo, experimenta a integração, o equilíbrio e a harmonia nos aspectos físico, espiritual, emocional e mental.	Dança em círculo, com músicas que podem ser tradicionais ou contemporâneas, utiliza passos de ballet, danças folclóricas; essa prática nos conecta a histórias, culturas, religiões e crenças do mundo todo.
Diálogo	É uma forma de fazer circular sentidos e significados, é o processo através do qual identificamos e questionamos ideias e posições cristalizadas, é uma maneira de conduzir conversações que traz uma nova visão de mundo, de relacionamentos e de processos.	Sua prática está voltada para estabelecer e fortalecer vínculos e ligações, e a formação de redes; a postura dialógica promove: a abertura de um campo comum em que é possível produzir e compartilhar significados, a criação e fortalecimento dos vínculos entre as pessoas, a melhora na comunicação entre as pessoas e a criação de redes de conversação.
Comunicação Não Violenta	A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas e nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros.	Os quatro componentes da CNV: 1. observação; 2. sentimento; 3. necessidades; 4. pedido.

World Café	O Word Café é um processo participativo aparentemente simples que tem uma fenomenal capacidade de trabalhar a diversidade e complexidade no grupo, fazendo emergir a inteligência coletiva. Trata-se de um processo de diálogo em grupos.	Simular uma ambiente de café, mesas de 4 a 5 pessoas, rodadas de 20 minutos, a arte de fazer perguntas, polinização de ideias, colheita e mínimo passo elegante.
Open Space	Tem como objetivo propor a criação de espaços abertos onde os participantes criem e gerenciem a sua própria agenda, com sessões de trabalho simultâneas, em torno de um tema central de importância relevante.	Os quatro princípios: <ul style="list-style-type: none"> • Quem quer que venha, é a pessoa certa; • O que quer que aconteça, era exatamente o que deveria ter acontecido; • Quando começar é a hora certa; • Quando acabar, acabou.
Dragon Dreaming	É uma abordagem de sistemas vivos, extraída de percepções e inspirada na história e ciência de todas as culturas e tradições espirituais que oferecem suporte à criação de organizações e projetos extraordinariamente bem sucedidos.	Através da Roda dos Sonhos e dos seus quadrantes principais que são: Teoria(sonhar), Ambiente(planejar), Prática(executar) e Indivíduo(celebrar).
Investigação Apreciativa	É a arte e a prática de perguntar incondicionalmente questões positivas que fortalecem a capacidade dos sistemas para antecipar o significado e intensificar o potencial positivo.	Pelo ciclo dos 4 Ds: Discovery(descoberta), Dream(sonho), Design(planejamento) e Destiny(destino).
Oásis	O Jogo Oasis é uma ferramenta de apoio à mobilização cidadã para a realização de sonhos coletivos. Concebido para ser de uso livre e praticado de forma totalmente cooperativa, para que todos, juntos, realizem algo em comum, o Oasis propõe regras que permitem a vitória de todos, sem exceção.	Ampliar o olhar, procurar na comunidade 3 manifestações de beleza e 3 de abundância; Busque a abundância; escute os corações; sonhe grande e junto; cuide de si, do outro e do bem comum; acredite, vá até o fim, seja espetacular; divirta-se e celebre a conquista coletiva; Construir novos sonhos.

MusiCooperação	É uma atividade cooperativa em que os objetivos são comuns, a participação é inclusiva e as regras possibilitam o sucesso de todos, ou seja, o sucesso de um interdepende do sucesso do outro e os resultados são compartilhados e para todos.	Através da escala da criação Dó(sonho), Ré(descoberta), Mi(imaginação), Fá(desapego), Sol(sabedoria), Lá(composição), Si(realização) e uma oitava acima(zelo).
Aprendizagem Cooperativa	É uma metodologia de ensino em que os atores envolvidos no processo não estão trabalhando sozinhos ou isolados no processo de construção do conhecimento. Compartilham-se ideias em rede, de modo que aquilo que uma pessoa construiu possa estar aberto ao público para discussão e até mesmo edição. Passa-se, então, a um processo de construção coletiva, onde todos os envolvidos podem interagir e construir de maneira conjunta novos conhecimentos	<ul style="list-style-type: none"> -interdependência positiva; -responsabilidade individual; -interação frente a frente permitindo o desenvolvimento de competências sociais; -desenvolvimento de competências interpessoais e grupais; - avaliação do processo do trabalho da célula de modo a melhorar o funcionamento do mesmo

Os Jogos Cooperativos têm o objetivo de aprimorar nossas interações e nossa comunicação, bem como auxiliar-nos no estabelecimento de um ambiente baseado na confiança e no respeito. Eles surgiram da necessidade de abraçar uma proposta diferente de jogos competitivos que há anos cria situações no mínimo desconfortáveis na escola.

Os jogos competitivos da escola “tornaram-se rígidos e altamente organizados, dando a ilusão de que só existe uma maneira de jogar”. (BROTTO, 2013, p. 61). Eles fazem com que o aluno tenha como única possibilidade a reprodução de algo vigente. Além disso, as pessoas são induzidas a competirem umas com as outras.

Aspirar uma sociedade justa e livre de conflitos banais, exige dedicação dos movimentos ligados a educação. Principalmente aqueles que estão na escola reproduzindo a violência e competição presentes na sociedade. Os jogos cooperativos, ao contrário dos competitivos, possibilitam o desenvolvimento da autoestima e de habilidades interpessoais positivas (BROTTO, 2013).

Jogar com o outro em detrimento da ideia de jogar contra o outro, auxilia as pessoas na busca pela construção do relacionar-se com o outro, acolhendo-o com tudo que ele é para mim e para o mundo. O grupo deve então buscar superar os desafios e não o outro dentro do processo.

Nos jogos cooperativos, podemos resgatar o prazer de jogar pela brincadeira e estipular objetivos comuns. De acordo com Brotto (1997, p.2), “tomados como um processo, pode-se aprender a considerar o outro, a ter consciência dos seus sentimentos e a operar para interesses mútuos”.

Um dos objetivos dos jogos cooperativos é “deixar aflorar a espontaneidade e a alegria de jogar”. Assim, o envolvimento é maior e a vontade de continuar a jogar também é. Trabalhar com a união entre jogo e pedagogia da cooperação, auxilia no desenvolvimento do jogo e da vida em grupo, à medida que amplia diálogos e oportuniza tomada de decisão em harmonia.

Os jogos cooperativos possibilitam vivências com trocas, escuta ativa e afetiva, confiança, descontração, brincadeiras, etc. Para além disso, auxiliam na compreensão do que é resolução de problemas e conflitos em conjunto, ou seja, transformação em com-unidade.

Nesse mote, abordaremos as danças circulares por fazerem parte desta Pedagogia como um dos processos utilizados para promover um ambiente cooperativo. Por meio das danças circulares, aprendemos a olhar uns para os outros, a trabalhar no mesmo ritmo do grupo, a sentir e perceber o outro, a troca de energia constante no ambiente, etc.

As danças existentes podem ser trazidas de outros grupos e/ou focalizadores. Ou ainda, reproduzidas como danças folclóricas tradicionais de diferentes países. A dança trabalha a confiança do grupo no próprio grupo, a coordenação, lateralidade, noção espacial, respeito e cuidado mútuos, além da integração necessária para a dinâmica.

O processo de ensino aprendizagem acontece pela dança e com a dança de forma a ganhar espaço no quesito mestre e aprendiz. Todos vivenciam todos os papéis garantindo oportunidade de crescimento no espaço/tempo cotidiano. Nesse sentido, a Cooperação se faz presente nas rodas das Danças Circulares.

O apoio oferecido, as mãos estendidas, o acolhimento de um possível erro imprevisto ou acerto e o respeito as diferenças e ao processo de ensino-aprendizagem, tornam o aprendizado fluido e humanizado. A confiança no processo e no outro traduz forma ímpar de aprendizado.

Confiar é transcender o que é vivido na roda e praticar na vida. A dança circular favorece processos cada vez mais conscientes do/no cotidiano e contribui para mudanças em cada um daqueles que vivem a experiência. Essa abordagem na pedagogia, marca um território único, cooperativo, onde pessoas se veem e ampliam o olhar sobre o todo. Ampliar o olhar significa resgatar a forma holística de ver as situações e o mundo.

Dançar em círculo é considerado sagrado, impulsiona o contato com a espiritualidade existente em nós e faz parte da tradição indígena. “Este resgate de danças folclóricas nos conecta com nossa ancestralidade e com cores, raças, tempos e espaços, acessando níveis de consciência e percepção” (JAYME, 2013, p. 9). Os símbolos da dança circular traduzem a forma de ser e estar da dança circular, alguns símbolos são:

- Círculo: símbolo universal da unidade e da totalidade. Lugar igualitário de aprendizagem.
- Cruz: o eixo vertical é sempre o eixo do tempo e o horizontal, o do espaço. Símbolo essencial da vida, da existência... tudo o que fazemos acontece em algum tempo e em algum lugar.
- Espiral: o ponto de partida também é o ponto de chegada. Nos inspiram a refletir sobre as possibilidades do retorno. As espirais também circulam dentro de nós, a energia circula em espiral, é onde a matéria e o espírito mais perfeitamente se encontram, e o tempo, por ele mesmo, não existe. Para os celtas, é toda a essência do mistério da vida.
- Geometria Sagrada: é a linguagem mais próxima da Criação. Estuda as ligações entre as proporções e formas contidas no cosmos com o propósito de compreender a Unidade que permeia toda a vida. Está presente nas formas, nos passos, no corpo. Ex: pentagrama, estrela de 8 pontas, círculo, espiral, infinito. (JAYME, 2013, p. 7).

De acordo com a autora, a dança circular promove benefícios como: equilíbrio dos corpos físico, mental, emocional e espiritual; amplia a percepção, a concentração, a atenção e a flexibilidade; além de promover a inclusão, o respeito, a integração e a cooperação.

3. ENFOQUES E PERCEPÇÕES NA PRÁTICA: aplicação no curso de pedagogia

A formatação de um curso de pedagogia não abarca as relações cooperativas que poderíamos fomentar em uma escola. Apesar disso, mal menciona as relações ocultas existentes em padrões de comportamento existentes nas mesmas.

Escolhemos o trabalho com a formação de futuros profissionais de educação por acreditar que existe potencial transformador na aplicação das sete práticas da pedagogia da cooperação. Este potencial refletiu tanto para formação dos alunos do curso de pedagogia do Isat como profissionais de educação, quanto na utilização prática por esses alunos nas escolas em que atuam.

O aprendizado, a partir de técnicas e dinâmicas que fomentam estar com o outro, possibilita desenvolver aspectos relacionados a humanidade e convivência. “Conviver significa viver uns com os outros com base em certas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, no marco de um determinado contexto social”. (JARES, 2008, p. 25)

Jares (2008) recorda o caso do sistema educacional Espanhol e do plano de intervenção que realizaram, implementando regras de convivência e respeito nas escolas de educação em infantil. “... o fato é que, se falta respeito, a convivência torna-se impossível ou, ao menos, se transforma em um tipo de convivência violenta e não democrática” (ibidem, p. 31). De acordo com o autor, o país cresceu em índices econômicos em detrimento da educação, convivência e humanidade.

Segundo Brotto (apud Orlick, 2013, p. 45), existe a relação humanizadora que preza pela bondade, consideração, compaixão, compreensão, cooperação, amizade e amor. E a relação desumanizadora, que na nossa opinião, tem sido a mais atuante na sociedade atual. A relação desumanizadora (ibidem) é a falta de interesse para com o sofrimento do outro, crueldade, brutalidade e desconsideração geral para com os valores humanos.

O intuito de trabalhar humanização dentro da perspectiva da cooperação na educação brasileira é tentar impedir o processo crescente de desumanização da sociedade competitiva atual. A sociedade de bens de consumo preza, sobretudo, pelo

ter em detrimento do ser. Você tem, logo você é, é um pensamento comum que afeta as relações interpessoais pautadas em interesse. Além de impedir esse processo, devemos agir no sentido de contribuir para uma sociedade mais justa, onde seres humanos possam olhar para suas diferenças com respeito.

Se a educação deve trabalhar com a formação integral do ser humano, de acordo com a Constituição Federal de 1988, se queremos construir uma sociedade mais justa e humana, a pergunta é: Por onde começar? Já sabemos que não devemos reproduzir o que não está funcionando no sistema educacional atual.

Diante disso, convidamos você leitor a trabalhar na lógica inversa, com atitudes cooperativas e conseqüente mudança de comportamento. Nos subcapítulos a seguir, abordaremos a descrição dessa prática no Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira – ISATE no que ela trouxe de resultados imediatos.

O ISAT pertence ao ICBEU, entidade mantenedora que abriga curso de idiomas, centro de memória do município de São Gonçalo, cursos de graduação (pedagogia, letras e tradução) e pós-graduação. Esta entidade foi fundada na década de 1960, enquanto o curso de pedagogia (objeto deste estudo), foi fundado há apenas seis anos.

O método escolhido é o da pesquisa ação por considerar a intervenção no objeto de estudo. Esta metodologia é habitualmente utilizada para testar novas estratégias de aprendizagem e um dos seus objetivos é o de “aumentar o conhecimento acerca de um determinado assunto”(MALHEIROS, 2011, p.108).

3.1 Diário de Bordo: focalização no Instituto Superior Anísio Teixeira

A realização de um projeto de pedagogia da cooperação no Isat foi facilitada tendo em vista o trabalho como professora, que um dos componentes do grupo, Carolina, exerce lá. A partir disso, decidimos trabalhar com 2 turmas que fariam aulas juntas. Atuamos nas disciplinas “Gestão e elaboração de projetos” e “Atividade e prática integradora de cultura e sociedade”, aproveitando a possibilidade de reunir 2 turmas em horários sequenciais.

Iniciamos o trabalho com estas turmas durante um mês. Contudo, após este período, a instituição foi obrigada a reajustar horários em função da saída provisória de

um docente. Esse reajuste prejudicou a permanência do grupo de alunos do 5º período em apenas um dos dois turnos oferecidos para realização do trabalho. Desta forma, o ajuste final ficou: turma 1º período de 18h até 22h e 5º período entrando às 20h e saindo às 22h. O trabalho foi realizado às segundas-feiras, do dia 14 de Agosto de 2017 até o dia 18 de Setembro de 2017, totalizando 6 encontros com 5 horas cada (1 hora destinada a planejamento e 4 horas de aplicação com os alunos).

O grupo foi constituído por 26 mulheres e 3 homens no total incluindo as duas turmas. Este grupo formou anjos no primeiro dia (ver tabela correspondente ao 1º dia) e cada um ficou responsável por uma atribuição dentro da faculdade. Os grupos formados foram: lanche, música, harmonia, alegria e conforto. Porém o único grupo que permaneceu atuante até o último encontro foi o grupo do lanche.

Tabela 2: Grupos dos Anjos

ATIVIDADE	RESPONSABILIDADE	ANJOS
MÚSICA	Promover bem-estar através da seleção de músicas favoráveis ao ambiente	Flávia, Priscila, Nazaré e Bia
HARMONIA	Promover harmonia, estabelecendo conexões entre pessoas e cuidando para que todos fiquem bem	Thaísa, Michele, Alex, Ana Paula, Winnie
LANCHE	Possibilitar a organização de grupos para o lanche da semana	Ingrid, Gabi, Carol, Giovana e Samara
ALEGRIA	Identificar pessoas desanimadas e/ou entristecidas e cuidar delas trazendo ânimo ao grupo	Thaís, Renata, Isabele, Bruno
CONFORTO	Cuidar do conforto do ambiente, verificando temperatura (por exemplo) e tudo que possa interferir no bem estar de todos durante a aula	Karoline, Ana Nery, Thailane

Inspirados pela docente desta pós-graduação, Pá Falcão, ao iniciarmos cada dia de atividades, fazíamos uma oração para alinhar o nosso grupo com a vontade do grupo que iríamos focalizar. A Pá Falcão nos ensinou que focalizar é mais do que ser ou estar professor, facilitador entre outros. Focalizar é envolver-se com o processo e estar nele,

entregue. O focalizador é o guardião da vontade do grupo. Ele deve ainda, fazer emergir os propósitos do grupo e o que estão precisando trabalhar.

Ao mesmo tempo que é o guardião do grupo, o focalizador deverá estar apto a perceber cada indivíduo nas suas peculiaridades e sem julgamentos. É importante ressaltar que, de acordo com a Pá Falcão, para que o focalizador perceba os aspectos físicos, emocionais e mentais do grupo, ele deve ter esses mesmos aspectos trabalhados nele próprio.

Assim, organizamos as atividades para que cada um do grupo tivesse oportunidade de focalizar. Nesse sentido, seguimos com a seguinte rotina de preparo: reunião para planejamento e oração. Após as atividades, finalizávamos com avaliação do dia e uma prévia do planejamento para semana seguinte.

A divisão de tarefas foi inspirada pelo professor Cambises na aula sobre Dragon Dreaming. Dividimos as tarefas em Luz, Cor e Sombra. Desta forma, a pessoa que está como luz, ficará responsável pela focalização da atividade proposta. A pessoa ou pessoas que estarão como cor, deverão apoiar para que a atividade aconteça. É recomendável que a cor participe como integrante da atividade e atue no sentido de prevenir situações indesejáveis e auxílio direto do integrante que está como luz. A pessoa ou pessoas que estarão como sombra deverão cuidar do ambiente para que tudo funcione de maneira correta. O nosso grupo decidiu que as sombras cuidariam do registro das atividades de duas maneiras: com anotações, vídeos e fotografia.

Utilizamos no centro da sala, um círculo com vaso de flores. Este círculo no centro do processo representa a união do grupo. A respeito do círculo utilizado nos processos, Jayme (2013, p.10) aponta que:

Ele é democrático porque oferece a oportunidade de todos serem vistos como iguais, ninguém acima ou abaixo, ninguém dentro ou fora, todos juntos! Reunidos em círculo e de mãos dadas, reconhecemos que há algo comum entre todos, ali representado pelo centro (geralmente composto por objetos, flores ou velas), que traz a ligação simbólica entre as pessoas que estão na roda, auxiliando-as a conectarem seu próprio centro com o centro da roda.

Seguiremos apresentando nosso diário de bordo com a descrição das atividades realizadas, o papel de cada um do grupo e considerações a respeito da aplicação das 7 práticas da pedagogia da cooperação.

Tabela 3: 1º dia de aplicação – Com-Tato

ATIVIDADE	LUZ	COR	SOMBRA	DESCRIÇÃO
Dança Circular Completo	Janaína	Rosângela	Carolina	Dança Circular utilizando a música “Completo”, interpretada pela Ivete Sangalo.
Apresentação dos Focalizadores	Carolina	-	-	A professora da turma e componente do grupo, Carolina, apresentou
Jogo “Piscar, enrolar e trocar”	Guilherme	Janaína e Carolina	Rosângela	Piscar para alguém da roda. Ao perceber a retribuição, trocar de lugar com a pessoa. Enrolar com os braços. Ao retribuir, trocar de lugar.
Jogo “Teia”	Carolina	Guilherme	Rosângela e Janaína	Ao jogar o barbante falar o seu nome e a comida preferida. Quando a teia estiver pronta jogamos o bolão e o grupo tem que jogar para o alto 3 vezes sem deixar cair no chão
Dança “Legal-legal”	Carolina	Rosângela e Janaína	Guilherme	Dança circular com a música legal-legal
Volta preparando para o “Com-Trato”	Guilherme	Carolina	Rosângela e Janaína	Fazer um passeio pela sala ao som da música, parando a música formar trios.
“Com-Trato”	Rosângela	Janaína e Carolina	Guilherme	Colocar no papel o que precisamos para estar bem aqui. Ir ao trabalho do outro e escolher 2 pedidos. Ao final, esse será o nosso contrato. Colocar no papel pardo. Assinar o contrato colocando a sua marca (desenho). Deixar claro, depois, de quem é a responsabilidade desses pedidos (do próprio grupo). Formação do grupo dos anjos.

Dança Circular “Como uma onda”	Janaína	Rosângela e Guilherme	Carolina	Dança Circular utilizando a música “Como uma onda”, interpretada pelo Lulu Santos.
Partilha	Carolina	Janaína	Rosângela e Guilherme	Ficou todo mundo confortável? Ao sair dar pelo menos 3 abraços.

Data: 14/08/2017

O material básico para utilização nos encontros é: centro (feltro e vaso com flor), papel A4, cartolina, estojos com hidrocor, lápis de cor, giz de cera, post its, máquina fotográfica, aparelho de som e pen drive com as músicas. E o material extra necessário para o 1º dia foi: barbante colorido e bola grande.

No primeiro dia, ao perceber que sobraria tempo, acrescentamos uma rodada de colheita após a teia e acrescentamos a dança legal, legal. Além disso, percebemos que o som do aparelho da sala não foi suficiente e no próximo encontro planejamos utilizar uma caixa amplificadora.

Outra observação foi na hora de jogar a bola da teia. A bola não era grande o suficiente para não passar pelos buracos. O próprio grupo percebeu que precisava fechar mais a teia para que a mesma não caísse. Durante a partilha, notamos que foi cansativo fazê-la em pé, nos próximos encontros planejamos fazer a partilha sentados.

Percebemos a necessidade de colocar 2 pessoas como sombra pois em algumas atividades do primeiro encontro, o apoio da sombra ficou prejudicado. Na volta do lanche foi dito que eles iam caminhar para formar trios, isso fez com que eles caminhassem para estar perto de quem queria ficar em trio. Decidimos avisar sobre a formação em trios somente após a caminhada nos próximos encontros.

Tabela 4: 2º dia de aplicação– In-quieta-ções

ATIVIDADE	LUZ	COR	SOMBRA	DESCRIÇÃO
Dança Circular “Alma”	Rosângela	Carolina	Janaína e Guilherme	Dança Circular utilizando a música “Alma”, interpretada pela Zélia Duncan.
Check-in	Carolina	Guilherme	Janaína e Rosângela	Como estou chegando hoje?

E aí?	Carolina	Guilherme	Janaína e Rosângela	Uma pessoa fala suas impressões até o momento sobre o trabalho do nosso grupo. Ela fala o nome de outra pessoa e o “e aí”. Então a outra pessoa fala, faz o mesmo, e assim sucessivamente.
Dança das Cadeiras	Carolina	Guilherme	Janaína e Rosângela	Ao som da música, dançar rodeando as cadeiras. Sentar ao parar o som. A cada rodada o focalizador deverá retirar 1 cadeira, porém ninguém deverá ser excluído da dança. Todos devem ter a possibilidade de sentar.
Jogo dos olhares	Guilherme	Carolina e Rosângela	Janaína	Convidar cada um a fazer carinho no próprio corpo (massageando, se espreguiçando, dando tapinhas...). Dar um tempo e depois bater uma palma e direcionar para onde vai circular a palma (para a direita ou para a esquerda somente no início, depois de um tempo passar aleatoriamente). Importante passar olhando nos olhos do outro.
Jogo das perguntas	Carolina	Guilherme	Rosângela e Janaína	Um dá o tema os outros dois só falam através de perguntas. Não pode responder. Caso o outro responda, esse passa a dar o tema.
In-quieta-ções	Rosângela	Carolina	Janaína e Guilherme	Juntar 2 trios do jogo anterior. Escrever quais são as inquietações em relação a sua práxis. Colocar no papel o que queremos descobrir juntos. Todas as perguntas, dúvidas que vêm à mente sobre isso. Quando ouvir o som (introduzimos o pin ¹), ir ao trabalho de outro grupo e escolher 3 inquietações. Assim tocamos mais 2 vezes outras vezes até que permanecesse somente uma inquietação. Colocar todas as inquietações escolhidas de

¹ Pin é um objeto pequeno que, ao tocarmos, emite som fino e agradável.

				cada cartaz, em um único cartaz.
Dança Circular das Palmas	Janaína	Rosangela	Carolina e Guilherme	Dança Circular Tradicional
Partilha	Guilherme	Carolina	Janaína e Rosangela	Utilizando bastão da fala. A pessoa fala e no final diz: meu nome é ..., assim falei: Hei! O grupo responde Ho! Como me senti nas atividades? Como foi todo esse processo de escolha? Ao sair dar pelo menos 3 abraços.

Data: 21/08/2017

Ao iniciar o segundo encontro, fixamos o contrato do grupo na parede da sala. E fizemos o “Check in”.

Carol: “O que vocês sentiram (sobre o último encontro) a partir disso? E o que vocês querem trazer pra lembrar o que foi vivido na aula passada?”

Resposta: Ingrid “Eu achei, assim, interessante porque nós estamos entre vários grupos, né? São vários grupos dentro de uma sala só, nós somos um grupo e tem outros grupos e a forma de interagir, porque às vezes na correria a gente se esbarra e às vezes nem se fala no corredor né? Às vezes até mesmo dentro do próprio grupo a gente não tem muito contato, às vezes tem mais afinidade com uma, talvez com outra nem tanto né? Mas a gente vai engatinhando, mas aí a “aula” de vocês deu essa interação, formou um grupo só, pelo menos foi o que senti, o povo saiu mais unido.”

Nesse encontro também fizemos a Dança das cadeiras e vários foram os comentários depois do jogo, tais como as da Flávia e da Ana Paula, que seguem transcritas abaixo:

Flávia “Achei muito bom porque a gente sempre acha que a dança da cadeira então é de competição né, que a gente tem que empurrar o colega, a gente até falou no início não empurra não, porque tem essa visão da brincadeira, de que sempre pra um sentar o outro precisa ficar em pé, o outro precisa sair...tanto que eu fui a primeira e já achei que fosse sair da brincadeira, aí você disse não, peraí todo mundo tem que sentar; nessa hora foi muito acolhedor porque foi igual ao que você falou é cooperação mesmo, as pessoas trabalhando juntas é muito gratificante porque você sempre se sente acolhido né?”

Ana Paula “Eu achei que, não sei, que ia ser uma coisa normal de dança das cadeiras, como quando as crianças ficam tentando sentar no lugar do outro, como a gente ficou aqui brincando e essa coisa mas foi diferente, todo mundo se distraiu, esqueceu das cadeiras, normalmente quando pára a dança não conseguiu sentar sai um participante aqui foi diferente, nós tínhamos que nos juntar uns aos outros pra...pra ser uma dança diferente, né que é de abraçar os amigos, é segurar mais eles, ficar mais próximo, essa coisa”.

Outra observação importante foi que, no jogo das perguntas, só fazer perguntas nos libera da preocupação de dar respostas, do certo ou errado. A intenção também é que aprendam a elaborar perguntas. O material extra necessário para o 2º dia foi: pin e bastão da fala.

Durante 3 próximos encontros (dias 28/08, 4/9 e 11/9) ficamos sem a presença do 5º período, no horário de 18h às 20h, ou seja, do 3º ao 5º encontro, parte do grupo não pode participar nos primeiros tempos. No próximo quadro de aplicação, colocaremos o momento em que o intervalo aconteceu para que o leitor saiba o momento que pudemos contar com o grupo completo na aplicação.

Tabela 5: 3º dia de aplicação– Fortalecer as Alianças e Parcerias

ATIVIDADE	LUZ	COR	SOMBRA	DESCRIÇÃO
Check-in	Janaína	Carolina	Guilherme e Rosângela	Como estou chegando hoje?
E aí?	Janaína	Carolina	Guilherme e Rosângela	Relembrar o que fizemos no encontro passado
Dança Circular “Sai Preguiça”	Rosângela	Guilherme	Carolina e Janaína	Dança Circular utilizando a música “Alma”, interpretada pela Zélia Duncan. Nessa versão as pessoas dançam em pé.
Caixa Preta	Rosângela	Carolina	Guilherme e Janaína	Lembrar da última partilha do encontro passado. Falar sobre preocupações e incertezas reveladas. Colocar no papel a situação que te incomoda, emoção ou pensamento. Picar e colocar na cuia.
Sonho do Beto	Guilherme	Janaína	Carolina e Rosângela	Colocar no post-it o que você gostaria de doar para o mundo. Depois colamos em um cartaz
Jogo dos Punhos	Carolina	Janaína	Guilherme e Rosângela	Cada um pegue o seu sonho e coloque na mão direita. Feche bem a mão...levantar a mão, pensar em algo importante na sua vida. Colocar na mão e fechar. Encontrar uma pessoa para formar dupla. Procurar abrir a mão uns dos outros. Vale tudo. Trocar a dupla duas vezes e fazer o mesmo.

Fogueira com fósforos	Janaína	Rosângela	Carolina e Guilherme	Em trios: um monta a fogueira com 6 palitos de olhos fechados, sob o comando do colega e o terceiro observa. Trocam-se os papéis até que todos tenham passado por cada um dos processos (executar, observar, direcionar).
Partilha	Janaína	Carolina	Guilherme e Rosângela	Utilizando bastão da fala. Como me senti nas atividades?
Jogo “bolinhas no balde”	Rosângela	Janaína	Carolina e Guilherme	São 2 baldes: um vazio e outro com cordas ao seu redor. Dentro deste último balde, terão bolinhas de tênis. O grupo deverá colocar as bolinhas do balde que tem as cordas, uma a uma, no balde vazio, segurando apenas pelas cordas.
INTERVALO 10 MIN – CHEGADA DA TURMA DO 5º PERÍODO.				
Dança Circular “Ah, se eu vou”	Janaína	Carolina	Guilherme e Rosângela	Dança Circular utilizando a música “Ah, se eu vou”, interpretada pela Roberta Sá.
Jogo “Ponte de Cordas”	Guilherme	Rosângela	Carolina e Janaína	Primeiro passar andando por cima da ponte com todos segurando suas pontas na lateral. Quando estiver fácil, sugerir passar de costas e depois de olhos vendados.
Casa-Inquilino-Mudança	Carolina	Janaína	Guilherme e Rosângela	Em trio, uma pessoa no centro (o inquilino), e as outras duas com as mãos unidas ao alto (formando o telhado da casa). Ao falar “inquilino”, ele muda de casa. Ao falar casa, as casas procuram outros inquilinos. Ao falar mudança, as casas se desmancham e todos podem ser casas ou inquilinos.
Partilha	Carolina	Rosângela	Guilherme e Janaína	Utilizando bastão da fala. Como me senti nas atividades?
Hei, hei, hei (entrega e energia)	Rosângela	Janaína	Carolina e Guilherme	Com pés unidos, flexionar os joelhos 3 x falando “hei hei, hei”. Com os pés separados, flexionar os joelhos e falar “ho, ho, ho”. Dar um pulinho para a direita e fala “hu”. Ao

				sair, se despedir como grandes amigos que nunca mais se encontrarão.
--	--	--	--	--

Data: 28/08/2017

Ao iniciar o terceiro dia, fixamos o contrato e as inquietações produzidas pelo grupo, na parede. O que nos fortalece e nos torna como-um? Escolhemos atividades impossíveis de serem realizadas individualmente. O material extra necessário para o 3º dia foi: faixas para venda dos olhos, pin, bastão da fala, bolas de tênis, balde vazio, balde com cordas presas, ponte de cordas, cuia, caixa preta e papéis para a caixa preta.

Explicando a atividade “sonho do Beto”. O Beto é um dos professores desta pós-graduação. Certo dia ele sonhou que estava em uma fila para nascer, mas antes de vir ele deveria responder a seguinte pergunta: “O que posso fazer para tornar melhor a vida na terra”? Após contar a história do sonho do Beto, lembramos da fala da aluna Gabi no último encontro que falava sobre pensar positivamente e aproveitamos para convidar o grupo a focar no positivo. Sugerimos imaginar que fazemos parte deste sonho e estamos na fila para nascer. A partir disso, escrever no *post it* o que você vai doar ao mundo, o que você vai fazer para melhorar a vida na terra. Colocar o *post it* do que vocês vão doar ao mundo no cartaz.

Começamos então os jogos para fortalecer as parcerias que estavam surgindo. Primeiro foi o Jogo dos Punhos, no qual o grupo tentou abrir a força a mão do outro num primeiro momento, quando falamos que valia qualquer coisa para se fazer isso, após a atividade explicamos, que vale também pedir ao amigo que abra a mão ou mesmo combinar para que abram a mão voluntariamente. O Jogo seguinte foi o da Fogueira de Fósforos e vários relatos interessantes foram feitos, abaixo transcrevemos dois:

Ingrid (4º período): “Quando estava com os olhos fechados dá vontade de você abrir os olhos e resolver logo o problema, e quando estava falando para elas fazerem, quando você vê que a pessoa está perto mas não faz dá vontade de pegar a mão da pessoa e colocar perto. E na hora de observar dá vontade de pegar na mão e de explicar melhor.”

Gabriela (1º período): “Foi péssimo na hora de observar! Porque eu fiquei pensando, quero falar, quero falar. Até quando eu fechei os olhos eu não queria escutar a orientação do colega, eu queria ir por mim porque eu já tinha visto então eu ia rapidão porque eu já sabia; quando eu tive que falar fiquei afobada quase pegando na mão do colega, foi muito difícil”.

Após o intervalo, observamos que o grupo estava mais animado e motivado.

Na ponte de cordas, parte do grupo não aceitou passar. Compreendemos este movimento de resistência de parte do grupo, em função da ruptura que houve na separação de um período do outro nos dois primeiros tempos. Sabemos que o grupo que está a mais tempo trabalhando dinâmicas que levam a confiança, esteve mais fortalecido no momento da ponte de cordas.

Tabela 6: 4º dia de aplicação– Soluções Como-uns

ATIVIDADE	LUZ	COR	SOMBRA	DESCRIÇÃO
Check-in com guardanapos coloridos	Rosângela	Guilherme	Carolina	Como estou chegando hoje, pensar no sentimento do momento de chegada. Escolher um guardanapo da cor que traduza esse sentimento. Falar sobre esse sentimento e sobre o que motivou a escolha da cor.
Foto da semana passada	Rosângela	Guilherme	Carolina	Cada um deverá falar sobre qual foto tiraria do último encontro. O que marcou?
Dança “levantar o braço”	Rosângela	Guilherme	Carolina	Dança circular que estimula o alongamento e a consciência corporal. Música interpretada pelo personagem Vovó Mafalda.
Jogo dos contrários	Guilherme	Carolina	Rosângela	Falar uma palavra enquanto o grupo deverá falar o contrário desta palavra. Mostrar as palavras do jogo e seus opostos. No momento do jogo, falar apenas uma e esperar que o grupo diga o oposto da palavra que falou. (ex: sim/não, pão/mel, céu/chão, sol/lua, terra/mar)
Criar é...	Guilherme	Carolina	Rosângela	Iniciar com a frase “criar é...” e pedir que continuem com palavras que completem seu sentido.
O que sabemos juntos que não sabemos sozinhos?	Carolina	Rosângela	Guilherme	Troca de ideias sobre a atividade e sobre as várias inquietações. Estimular que o melhor de cada um seja compartilhado.

Inquietações do grupo (dinâmica inspirada no World Café)	Rosângela	Guilherme	Carolina	Colocar as perguntas elaboradas pelo grupo em cada canto da sala. Cada um deve se posicionar de frente para uma pergunta de modo que formem grupos. Oferecer uma folha grande para cada grupo. O que sabemos juntos que não sabemos sozinhos? Expor ideias e comentários para cada uma das perguntas. Dar um tempo, parar a música e trocar de grupo. Todos os grupos deverão passar por todos os cartazes.
INTERVALO 10 MIN – CHEGADA DA TURMA DO 5º PERÍODO.				
Dança Circular “Alma”	Carolina	Guilherme	Rosângela	Dança Circular utilizando a música “Alma”, interpretada pela Zélia Duncan.
Vídeo “Celebrando o que o mundo tem de bom”	Rosângela	Carolina	Guilherme	Vídeo da national geographic do fotógrafo Dewitt Jones sobre apreciar coisas boas do mundo. https://vimeo.com/130016279
Partilha	Rosângela	Carolina	Guilherme	Diálogo apreciativo em duplas. Qual foi o melhor momento que você viveu neste mês no seu trabalho, com pessoas? Por que ele foi tão significativo para você? O que você aprendeu com essa experiência?
Dinâmica do Abraço	Rosângela	Carolina	Guilherme	Falar sobre a importância do abraço e oportunizar momentos para que vivenciem.

Data: 04/09/2017

No início do trabalho colocamos o material que o grupo produziu na parede. O material extra necessário para o 4º dia foi: computador, data show, pin, bastão da fala, guardanapos coloridos.

Como as soluções comuns tiveram que ser realizadas com apenas parte do grupo e antes do intervalo, pedimos ao grupo que realizou, que explicasse ao outro grupo, o que fizeram e como chegaram a uma solução comum.

Tabela 7: 5º dia de aplicação– Projetos de cooperação

ATIVIDADE	LUZ	COR	SOMBRA	DESCRIÇÃO
Dança “be happy”	Carolina	Janaína	Rosângela e Guilherme	Dança Circular utilizando a música “Don’t worry Be Happy”, interpretada pelo Bobby McFerrin.
Check in	Guilherme	Carolina	Rosângela e Janaína	Se você fosse um animal qual representaria como você está se sentindo agora?
E aí?	Guilherme	Carolina	Rosângela e Janaína	Relembrar o que fizemos no encontro passado
Desenho Compartilhado	Rosângela	Janaína	Carolina e Guilherme	Cada um faz um desenho. Pausa. Cada desenho circula no sentido horário até que todos tenham oportunidade de contribuir para o desenho de cada um da roda.
Jogo “zoom”	Janaína	Carolina, Guilherme e Rosângela	-	Em roda com movimentos. zoom (bater a mão na direção da pessoa pra quem você quer passar a vez), rondon (mudar a direção da roda), ploft (olhar no olho de alguém que não está do seu lado na roda), joguei (jogar para alguém) e peguei (a pessoa pega). Depois acrescentar o “que que é isso” (colocar as mãos na cabeça e todo mundo muda de lugar).
Massagem com bolas de tênis	Carolina	Janaína e Guilherme	Rosângela	Direcionar massagem em círculo com bolas de tênis. A pessoa que está atrás faz massagem nas costas da que está na frente e assim sucessivamente.
INTERVALO 10 MIN – CHEGADA DA TURMA DO 5º PERÍODO				
Dança “barbapapas groove”	Carolina	Guilherme	Janaína e Rosângela	Cada um vai ao centro fazendo movimentos aleatórios e com o grupo imitando. Apontar para alguém da roda e trocar de lugar.
Partilha	Janaína	Carolina	Rosângela e Guilherme	O que fizemos antes do intervalo e o que faremos
Projetos de Cooperação	Janaína	Rosângela	Carolina e Guilherme	Retornar a pergunta inicial para escolher o que o grupo vai querer colocar em prática.

				Recolher todas as ideias. O que é possível fazermos?
Dinâmica do Abraço	Rosângela	Guilherme	Carolina e Janaína	Disponibilizar a descrição de vários tipos de abraço, que estarão disponíveis em cartões dentro de uma caixa. Cada um tira um cartão. Verificar o tipo de abraço e escolher em quem vai dar esse abraço. Ao sinal todos levantam e se abraçam.
Partilha	Carolina	Janaína	Rosângela e Guilherme	Partilha sobre a dinâmica do abraço seguida da partilha final.

Data: 11/09/2017

No início do trabalho colocamos o material que o grupo produziu na parede. O material extra necessário para o 5º dia foi: pin, bastão da fala, bola de tênis, caixa do abraço.

Tabela 8: 6º dia de aplicação – Celebrando o Ven-Ser

ATIVIDADE	LUZ	COR	SOMBRA	DESCRIÇÃO
Check in	Guilherme	Carolina	Janaína e Rosângela	Como estou chegando hoje?
E aí?	Guilherme	Carolina	Janaína e Rosângela	Sobre a jornada dos 5 encontros
Dança Circular “Fico assim sem você”	Janaína	Carolina	Guilherme e Rosângela	Dança Circular utilizando a música “Fico assim sem você”, interpretada pela Adriana Calcanhoto.
Questionário para o TCC	Carolina	Guilherme	Janaína e Rosângela	Aplicação de questionário para os alunos do ISAT
INTERVALO 10 MIN – CHEGADA DA TURMA DO 5º PERÍODO				
Questionário para o TCC	Carolina	Guilherme	Janaína e Rosângela	Aplicação de questionário para os alunos do ISAT
Dinâmica da flor	Rosângela	Carolina e Janaína	Guilherme	Cada aluno recebe um pedaço de jornal recortado em formato de flor. A flor é colocada em uma bacia com água. Ao colocar a flor em contato com a água, ela se

				abre e surge uma palavra de carinho e esperança.
Check out	Rosângela	Janaína	Carolina e Guilherme	Foi diver (divertido) para você?
Dança da Paz	Carolina	Janaína	Rosângela e Guilherme	Dança Circular utilizando o mantra/música “Força da Paz”.
Celebração	Alunos	Alunos	Alunos	Planejada pelos alunos com lanche e música planejados por eles
Abraços finais	todos	todos	todos	Despedir, abraçar e agradecer a oportunidade de estarmos juntos nesses 6 encontros.

Data: 18/09/2017

No início do trabalho colocamos o material que o grupo produziu na parede. O material extra necessário para o 6º dia foi: pin, bastão da fala, flores de jornal, questionário, autorizações individuais a serem assinadas pelos alunos para uso de imagem.

3.2 Narrativas ao longo do processo

Na colheita das atividades realizadas durante o primeiro encontro, Karoline falou “gostei, vou fazer com a turma”. Na aplicação da pedagogia da cooperação da semana seguinte, Karoline nos contou com grande satisfação a oportunidade que teve de aplicar a dinâmica “casa, inquilino, mudança”. Ela conseguiu um tempo do recreio e convidou crianças de diversas idades para participar das dinâmicas. Isso fez com que todos da escola apreciassem a atitude da aluna do curso de pedagogia, que na escola em questão, é estagiária. As crianças da escola que ela trabalha se divertiram muito e pediram por novas oportunidades como esta.

Priscila desabafou sobre as relações interpessoais na escola e disse que tenta trabalhar com as crianças mesmo sem o apoio da escola. Outros alunos entraram na mesma questão, relatando descaso e falta de comunicação em equipe dentro das escolas em que trabalham.

A aluna Flávia, sempre espontânea e emotiva, ressaltou que as atividades de cooperação permitem observar mais as pessoas. Renata pontuou a integração do grupo

como fator positivo. A respeito das dinâmicas, Gabi disse: “interessante, me senti uma criança, estou brincando de novo”.

Na dinâmica dos olhares, colhemos algumas falas, com a da Ingrid: “o lance de olhar no olho, foi difícil, fiquei um pouco constrangida, depois relaxei e descontraí”. Carol disse ter ficado envergonhada. Beatriz também realizou sua fala baseada em um sentimento de constrangimento: “não sou tímida, mas me senti diferente ao ter que olhar no olho de uma pessoa que eu não conhecia”. Ela relatou não imaginar que isso pudesse acontecer.

Surgiu uma conversa durante a partilha do segundo encontro, sobre a relação entre os alunos do 1º período do Isat. Bruno contou que não davam espaço para ele mas que agora ele está “inspirado” pois está criando seu espaço.

Durante o segundo encontro, algumas alunas relataram que estão desmotivadas com o trabalho em escolas particulares, por terem que atender a exigências da escola que não foca o bem-estar do seu aluno. A aluna Gabi disse que devemos nutrir pensamentos positivos.

No terceiro encontro, ao realizarmos check-in com os alunos e alunas do Isat, colhemos falas que traduziam sentimentos como esperança, ânimo, felicidade, contentamento, alegria e bem-estar. Neste encontro, as dinâmicas mais comentadas do dia anterior foram a dança das cadeiras e o feedback final. O nosso grupo estava mais alinhado e percebemos relatos de alunos que já estão praticando em suas escolas as dinâmicas que aprendem conosco.

No quarto encontro algumas alunas elogiaram a dança circular ao som da música “Alma” (dançada durante o segundo encontro) e optamos por repeti-la. Neste dia colhemos as seguintes inquietações do grupo, durante as dinâmicas:

- 1- O que fazer para que professores não se acomodem na sua prática?
- 2- Como fazer a diferença na vida de uma criança?
- 3- Como fazer um trabalho focalizando mais nos alunos?
- 4- Como explicar para uma família, que não tem conhecimento teórico, conflitos do dia a dia, ditos como normais?

No quinto encontro trouxemos dinâmicas para que as soluções comuns surgissem do grupo que as elaborou. Nesse sentido, as respostas coletivas ficaram assim:

- 1- Possibilitar encontros onde haja troca de experiências
- 2- Respeitar o momento da criança, o espaço, a diferença. Cada um na sua individualidade/possibilidade. O professor dentro da sala deve estar atento e perceber o problema junto com a criança para encontrarem juntos uma solução.
- 3- Compreender a necessidade de cada aluno e trazer mais dinâmicas para sala de aula com os conteúdos.
- 4- Realizar palestras com orientações aos responsáveis esclarecendo as fases que cada criança passa durante o período escolar

Realizamos a aplicação de questionários no primeiro e no último dia de trabalho com a finalidade de perceber alguns pontos, por isso as perguntas mudaram. Vejam a seguir.

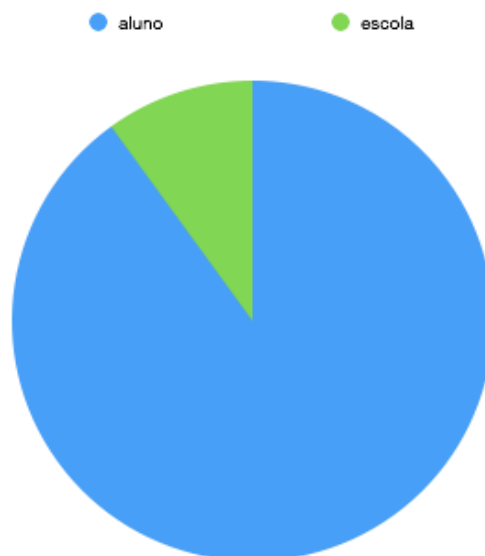
QUESTIONÁRIOS ENTREGUES NO PRIMEIRO DIA

1. Pergunta: “Por que você escolheu fazer faculdade de pedagogia”?

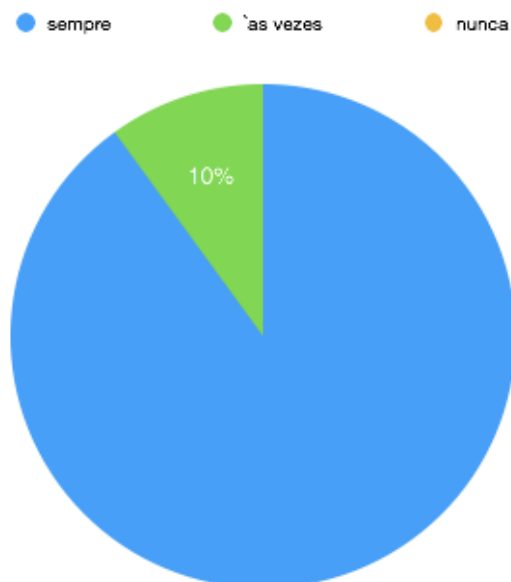
● ama ser professora ● gostar de crianças
● formar cidadãos



De maneira geral a maioria dos alunos tem uma identificação grande com a profissão, ama crianças e deseja ajudar os alunos a se desenvolverem.

2. Pergunta: “Você planeja suas atividades focadas no interesse”:

A grande maioria respondeu que planeja as atividades focadas no interesse dos alunos.

3. Pergunta: “Na sua prática você planeja suas atividades com expectativa nos resultados”?

A grande maioria respondeu que, sim planeja as atividades com expectativa no resultado.

4. Pergunta: “Fale sobre a sua prática”:

● prática diversificada ● foco no lúdico ● foco no cotidiano
● ainda não atuo



Muitos alunos declaram que têm uma prática dinâmica mas alguns deles se queixam de não conseguir utilizar mais jogos e brincadeiras por ficarem preocupados em dar conta do conteúdo.

5. Pergunta: “Qual segmento que atua”?

● educação infantil ● ensino fundamental I ● ainda não atuo



Dos alunos que responderam ao questionário, duas alunas não trabalham na área educacional. Seis atuam na Educação Infantil e três no Ensino Fundamental.

QUESTIONÁRIOS ENTREGUES NO ÚLTIMO DIA

1. Pergunta: “Como você iniciou esse trabalho e como está terminando”?

Como iniciou:

● sem conhecer ● ação pedagógica ● com expectativa
● desconfiados ● curiosos e empolgados ● coração aberto



Como terminou:

● importância do trabalho em equipe
● inspirados pelas atividades cooperativas
● caminho certo
● mudança interna



Dois alunos iniciaram os encontros sem nenhum conhecimento sobre a Pedagogia da Cooperação. Três com expectativas. Outros: que era mais uma ação pedagógica; que seria algo bem construtivo; que seria mais uma aula qualquer; sem saber qual era o propósito; com anseio de gerar mudanças nas práticas educativas; de coração aberto; com questões profissionais pesadas; com dúvidas sobre si; com conhecimento prévio; com entusiasmo; esperançosa; desconfiada; desmotivada.

Com relação a como estão terminando as respostas foram: que tiveram uma visão melhor da Pedagogia da Cooperação, entendendo, gostando e pensando em introduzir as práticas em suas aulas, trazendo a certeza de ter escolhido a profissão certa. Ficaram empolgados com as atividades cooperativas, reconhecendo a importância de se trabalhar em grupo, trazendo satisfação de poder avaliar suas atitudes e jeito de ensinar, vendo que é bom trocar experiências e que precisamos do outro. Reconheceram que a Pedagogia da Cooperação superou as expectativas pois atuou não só no pedagógico mas ocasionou mudanças na pessoa como “sujeito integral”, tornando a cabeça mais aberta, a pessoa mais solícita com os outros, renovada... Foi observado que tudo foi

planejado para que todos quisessem estar lá, se sentindo bem em estar juntos, com experiências inesquecíveis.

2. Pergunta: “Que mudanças ocorreram do início do nosso trabalho para o final?”



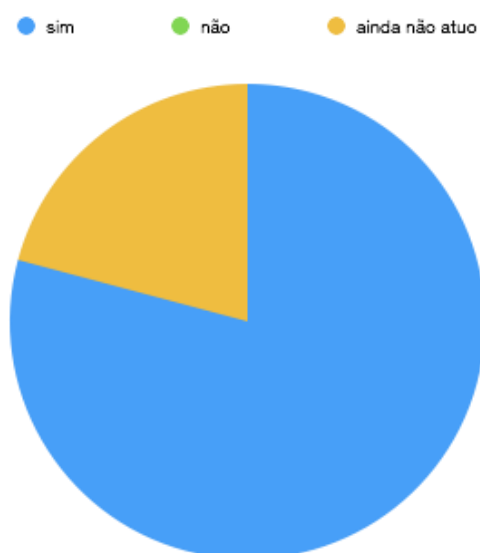
As mudanças relatadas a nível mais pessoais foram: mais disposição para trabalhar em equipe; a pensar no coletivo; a tornar-se mais empática; a se interessar pelo próximo; um sentimento de união; perceber que a cooperação é indispensável no dia a dia; que cooperar traz surpresas agradáveis; de ver como é bom a união dos colegas; de reforçar o quanto o outro é importante; de ampliar a capacidade de observação; de ter começado com pouca afinidade e terminado com muito entrosamento e interação; de perceber que das atividades simples às com necessidade de mais parcerias houve a criação de mais vínculo; de que as atividades tornaram-se uma terapia muito prazerosa; que a mudança começou já no olhar nos olhos, procurando entender o outro; que fortaleceu visão sobre a importância da cooperação para o trabalho rico e prazeroso; de maior reflexão; de mais compreensão; de “deletar” a mania de competição; de ampliar o olhar; de tornar-se menos tímida; de tornar-se mãe mais carinhosa, atenciosa, prestativa; de ser mais alegre; de ter mais esperança; de mudar como pessoa; de ser outra pessoa em casa com a família, tornando-se mais atenciosa o

que aconteceu na profissão também; de perceber as várias maneiras de cuidar e de passar a vir para a faculdade mais entusiasmada.

A nível profissional as mudanças foram: fazer repensar conceitos do que é ser um docente; dar elementos para evoluir o modo de pensar, superar e alcançar objetivos; aprender como trabalhar com as crianças utilizando a cooperação; trazer maior reflexão sobre a prática; sanar dúvidas de seguir ou não a profissão, trazendo a certeza de estar no lugar certo; passar a desenvolver aulas mais dinâmicas; mudar já no momento da chegada dos alunos, começando sempre com música (uma delas, Olá como vai); mudar hábitos em sala, tornando-se mais atenciosa, mais carinhosa e trazendo novidades para os alunos; tornar-se mais apaixonada pela profissão; passar a propor uma aprendizagem mais lúdica; passar a se colocar no lugar dos alunos.

Concluindo que a Pedagogia da Cooperação é super atual, útil no dia a dia, dentro e fora de sala de aula.

3. Pergunta: “Depois de ter participado desse trabalho com a Pedagogia da Cooperação, você acredita ter modificado a maneira com que você planeja suas aulas?”



Dentre os poucos alunos que não trabalham na área um disse que mesmo em seu trabalho ele pretende colocar em prática as ideias da Pedagogia da Cooperação pois

algumas coisas já fazia inconscientemente. Outra que deu muita base para ser uma “boa futura professora”.

Algumas alunas disseram que não planejam pois são auxiliares da professora e o planejamento é feito por ela. Mesmo assim na sua prática já estão fazendo alterações.

A maioria disse que modificou a maneira como planeja as aulas, pensando em aulas no coletivo, mais dinâmicas e atrativas, mudando a forma de ver as práticas e convivência com os alunos, ampliando o olhar, modificando a rotina e vendo outras formas de ensinar, analisando hoje como os alunos chegam, mudando a forma de ver a escola e os alunos e já percebendo que “os alunos estão entendendo o verdadeiro sentido da palavra cooperação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da pedagogia da cooperação descortinou a percepção de que as escolas tem uma forma arcaica de atuar com seus alunos. Sair da possibilidade competitiva que resulta em uma sociedade fria e desumanizada, é criar novas e duradouras perspectivas. A educação é, senão a oportunidade que os seres humanos tem de aprender a conviver uns com os outros.

As relações competitivas estabelecidas ao longo dos séculos, trouxe antagonismos e a ideia de que a escola só deve preocupar-se com o cognitivo. Além de não trabalhar com o emocional, a escola age como se o corpo servisse tão somente para carregar a cabeça. A cooperação, neste sentido, deve criar um campo de resistência para ruptura desse pensamento obsoleto.

A educação para além dos fragmentos-conteúdos pressupõe levar em conta a formação de seres humanos em valores e princípios, e conseqüente ruptura com uma concepção cognitivista (GATTI, 2016). Ao perceber essas relações, tornamos possível trabalhar com algo que vislumbre um mundo melhor na condução de uma sociedade verdadeiramente humanizada.

Neste contexto, trabalhar com as sete práticas da pedagogia da cooperação é mais do que romper o que está posto na sociedade, é buscar um mundo mais justo e ideal. Tudo isso se mostra mais coerente com um processo de educação que vise a humanização. Assim, nos aproximaremos de uma educação para além da caixa, expressão essa que envolve a emancipação do homem, rompe com uma concepção excessivamente cognitivista e traz de volta os sujeitos da aprendizagem, com todas as suas especificidades e individualidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2ª edição revista. MEC, 2016.

_____. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

_____. Presidência da República. **Plano Nacional da Educação**. Lei n. 13.005 de 24 de junho de 2014. Brasília: PNE, 2014.

_____. Ministério da Educação. **Programa de Estímulo à Criatividade na Educação Básica**. Disponível em: <http://criatividade.mec.gov.br/o-que-e-inovacao-e-criatividade>. Acesso: 16 maio 2016.

BROTTO, Fábio Ottuzi. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2013.

_____. **A Pedagogia da Cooperação: construindo um mundo onde todos podem VenSer!** Ed. Projeto Cooperação. Florianópolis, SC: 2000.

_____. **Jogos Cooperativos: para jogar uns com os outros e VenSer...juntos!!** Ed. Projeto Cooperação. Florianópolis, SC: 1997.

JAYME, Denise; FAUSTO, Eliana. **Danças circulares e cooperação**. Ed. Projeto Cooperação. São Paulo, SP: 2013.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2006.

GATTI, Bernardete A. **Questões: professores, escolas e contemporaneidade**. In: ANDRÉ, Marli. **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

JARES, Xesús R. tradução Elisabete de Moraes Santana. **Pedagogia da Convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

ORLICK, Terry. **Vencendo a Competição**. Edição Integral. São Paulo, Círculo do Livro, 1978. 211 p.

SANTARÉM, Robson. **Precisa-se (de) ser humano**: valores humanos educação e gestão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ANEXO I – Imagens reveladoras







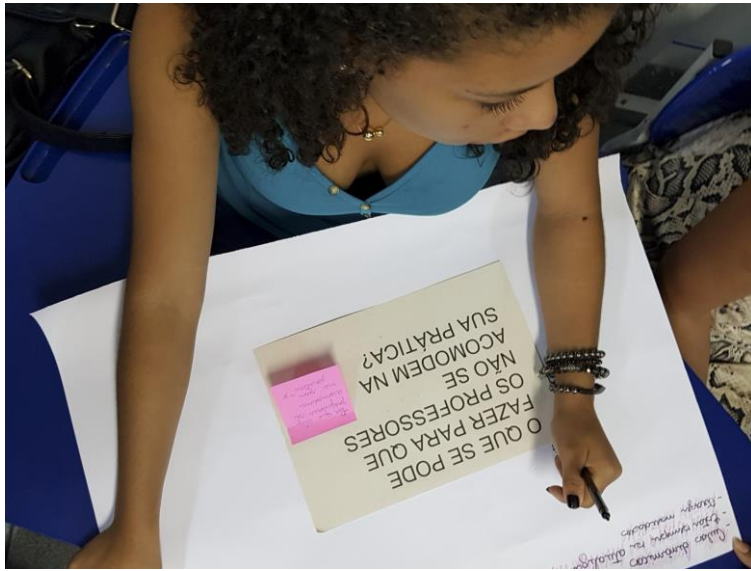
























ANEXO II – Perguntas provocadoras

QUESTIONÁRIOS ENTREGUES NO PRIMEIRO DIA**6. Pergunta: “Por que você escolheu fazer faculdade de pedagogia”?**

Isabele: “Eu escolhi cursar pedagogia por amar ser professora e também pelo fato da primeira infância ser a maior parte do caráter formado na criança”.

Renata: “Eu escolhi esse curso para o meu crescimento educacional e acrescentar mais conhecimentos e dinâmicas para os meus alunos”.

Flávia: “Porque desde criança queria dar aula. Poder ser útil para as crianças e conforme fui crescendo fiz o curso normal e tive mais certeza de que era isso que eu queria. Comecei marketing e eu vi que minha paixão é educação”.

Queila: “Por cursar letras e fazer alguns cursos de pedagogia acabei me interessando pelo curso de pedagogia e por gostar muito de criança”.

Jeovanna: “Por eu trabalhar na área, já não me vejo fazendo outra coisa e por isso nada melhor do que adquirir mais conhecimentos”.

Gabriella: “Eu amo crianças, e amo ensinar e ser abraçada e ouvir eu te amo. E mesmo no meu pior dia, mesmo com uma aula conturbada, estar na sala e querer dar o meu melhor para que essas crianças tenham um amanhã melhor, é tudo que eu quero. Não escolhi a pedagogia, ela me escolheu”.

Caroline: “Há 3 anos atrás entrei em uma escola como auxiliar de professora e a partir da convivência na sala de aula, me apaixonei pela prática, decidi então fazer a pedagogia e hoje não me imagino fazendo outra coisa”.

Adrielle: “Por amor”.

Ana Paula: “Porque fiz o curso normal e gosto de atuar na área. Tenho amor a profissão”.

Ingrid: “A vida me colocou dentro de uma escola onde eu aprendi o amor, respeito e admiração. Logo eu vi dentro de uma forma tão linda e intensa de transmitir amor: educando e formando cidadãos”.

Emanuelly: “Escolhi fazer pedagogia pois era um sonho de criança, quando eu gostava de ensinar para meu avô, bonecas e bichos de estimação. Além disso, tenho professores na família”.

7. Pergunta: “Você planeja suas atividades focadas no interesse”:

Essa era uma pergunta de sim ou não, resposta está no gráfico contido no capítulo 3.2.

8. Pergunta: “Na sua prática você planeja suas atividades com expectativa nos resultados”?

Essa era uma pergunta de múltipla escolha entre sempre, às vezes e nunca. O resultado está no gráfico contido no capítulo 3.2.

9. Pergunta: “Fale sobre a sua prática”:

Isabele: “Gosto de planejar minha aula envolvendo o brincar, às vezes, intervindo junto, consigo transformar a aula em algo que faça sentido para a turma”.

Renata: “Minha prática é diversificada, pois, cada aula é um ensinamento para ambos. E no término, faço avaliação. Se aquela aula foi produtiva ou se na próxima posso melhorar”.

Flávia: “As aulas práticas sempre foram a melhor parte da formação. Apesar de professores rígidos eles motivavam sempre, até conseguir tirar nosso melhor. Então, sempre planejei a aula esperando que os alunos entendessem e não fossem mais ou menos após minha aula”.

Queila: “Procuro montar as minhas aulas de forma que a criança tenha muito interesse em aprender. Que tenha prazer em aprender e introduzo brincadeiras nesse processo, elas acabam adivinhando o tema da aula e me contam experiência do seu mundo infantil. Como leciono na igreja, aos domingos pela manhã, não cobro nada pesado, nem questionários como os meus colegas fazem, só tenho interesse em saber se sentem bem no ambiente”.

Jeovanna: “Tenho dentro de minhas possibilidades fazer o melhor para a criança aprendendo com jogos e brincadeiras como jogo de memória e etc”.

Gabriella: “Pela correria e pelo conteúdo que tem que ser passado, as aulas são bem tradicionais, mas procuro sempre incrementar a aula com dinâmicas sobre

o tema, ou brincadeiras e cantigas para fugir da rotina, e para que eles tenham uma boa experiência, a escola não precisa ser chata e eu tento mostrar isso”.

Caroline: “Eu sou auxiliar de professora, mas procuro ser dinâmica com os alunos e complementar a professora seguinte”.

Adrielle: “Minha prática é maravilhosa, porém corrida pois existem conteúdos a serem dados que nem sempre eu consigo desenvolver de uma forma lúdica”.

Ana Paula: “Minha prática é dinâmica de acordo com o entendimento dos meus alunos. Procuro trabalhar trazendo coisas do cotidiano dos alunos, levando o conteúdo trabalhado”.

Ingrid: “Eu sou auxiliar administrativa porém na parte da manhã sou tutora de 2 crianças autistas e 1 com hiperatividade e déficit de atenção. Na parte da tarde sou no momento auxiliar de coordenação pois estou assumindo uma licença maternidade. Sou bem proativa, dinâmica e gosto muito do que faço”.

Emanuelly: “Ainda não pratico”.

10. Pergunta: “Qual segmento que atua”?

Isabele: “No momento estou desempregada mas sempre atuei da educação infantil até o ensino médio com a disciplina de inglês”.

Renata: “Professora, educação infantil”.

Flávia: “Atuei no ensino fundamental e na educação infantil”.

Queila: “Fundamental, pela idade (7 e 8), mas com uma classe na escola dominical.

Jeovanna: “professora de educação infantil”.

Gabriella: “educação infantil”.

Caroline: “Maternal I e II da educação infantil”.

Adrielle: “educação infantil”.

Ana Paula: “2º ano do ensino fundamental”.

Emanuelly: “Ainda não atuo”.

QUESTIONÁRIOS ENTREGUES NO ÚLTIMO DIA

4. Pergunta: “Como você iniciou esse trabalho e como está terminando”?

Gisele: “Eu iniciei esse trabalho sem conhecimento algum e estou terminando tendo uma visão melhor da pedagogia da cooperação e certa de que o trabalho em equipe é muito melhor do que sozinha”.

Thaylaine: “Iniciei achando que a pedagogia da cooperação era apenas mais uma ação pedagógica. No final percebi a importância dessa ação, que é o trabalho em grupo”.

Alex: “Iniciei com muita expectativa e estou terminando empolgado com as atividades cooperativas”.

Thaís: “Comecei sem conhecer sobre o assunto, e terminei entendendo e gostando. E até pensando em meios de introduzir a pedagogia da cooperação em minhas aulas”.

Inês: “Comecei com muitas expectativas e estou terminado com a certeza de que estou no caminho certo”.

Bruna: “Iniciei imaginando ser algo bem construtivo e superou as minhas expectativas. Saio com uma cabeça mais aberta e solícita para com os outros”.

Ana Paula: “Iniciei achando que seria somente mais uma aula qualquer, mas fui surpreendida com toda a recepção, cuidado, atenção e carinho do grupo ao planejar algo de maneira que todos quisessem estar aqui”.

Antônio: “Sem saber o propósito, a busca pelo ser”.

Ingrid: “Iniciei o trabalho citado com grandes expectativas e anseios para que pudesse gerar mudanças em minhas práticas educativas e para a minha grande surpresa essa mudança ocorreu em mim enquanto sujeito integral que sou”.

Winnie: “Iniciei com o coração aberto para novas experiências e realmente tive várias que serão inesquecíveis”.

Beatriz: “Iniciei o trabalho com muitas questões profissionais “pesadas” e dúvidas sobre mim. Saio renovada, reflexiva e com a certeza de que escolhi a profissão certa”.

Flavia: “Comecei apenas com conhecimento prévio e estou terminando otimista para a prática”.

Priscila: “Comecei o trabalho com muito entusiasmo pois já conhecia a “pedagogia da cooperação” e estou terminando encantada. “A pedagogia da cooperação é tudo que a educação necessita para obter sucesso”.

Michelle: “Iniciei esperançosa em buscar alternativas novas para realizar tarefas mais agradáveis e termino satisfeita de poder analisar e avaliar as minhas atitudes e jeito de ensinar”.

Ana Nery: “Trabalho muito bacana. A Pedagogia da Cooperação mostrou o tempo todo como é bom trocar experiências, que precisamos do outro e que o trabalho em conjunto é importante. No mundo corrido que estamos inseridos às vezes não temos nem tempo de conversar com quem está do nosso lado”.

Maria Nazaré: “Quando começamos eu estava meio desconfiada pois sou muito tímida, mas com a convivência fui me sentindo bem em estarmos juntos nesses dias”.

Renata: “Iniciei esse trabalho desmotivada, estou finalizando muito emotiva e mais prática com os meus alunos”.

Ingrid R.: “Iniciei essa experiência desconfiada, receosa e inexperiente. E com o passar do tempo fui adquirindo prazer e entendimento, tornando-me uma pessoa melhor”.

Keroline: “Iniciei com pouca esperança de que seriam aulas boas e hoje termino muito grata pelas experiências, pois aprendi muito e levei algumas brincadeiras para o meu dia a dia como professora”.

Caroline: “Iniciei as aulas com muitas expectativas boas e estou terminado melhor ainda porque superou todas as expectativas que eu tinha”.

Adrielle: “Eu iniciei esse trabalho com muita vontade de aprender algo novo que me ajude no trabalho e na vida”.

Samara: “Eu iniciei esse trabalho de coração aberto para novos aprendizados e fiquei muito feliz com o resultado. Aprendi muitas coisas que levarei com certeza para sala de aula”.

Gabriella: “Iniciei curiosa e empolgada. Quando a Carol anunciou o trabalho e disse que nos daria as aulas de segunda fiquei muito feliz e intrigada pois não consegui imaginar como seria e me surpreendeu. Me abriu os olhos para muita coisa na sala de aula”.

Isabele: “Eu iniciei com um pensamento pequeno sobre o assunto, e estou terminando muito feliz pois aprendi muitas coisas. Amei as dinâmicas, e também amei o grupo que apresentou”.

Thaíza: “Com muita desconfiança iniciei os encontros. Hoje termino com a certeza de que a cooperação é um caminho viável e deve ser abraçado pelos profissionais da educação”.

5. Pergunta: “Que mudanças ocorreram do início do nosso trabalho para o final?”

Gisele: “A principal mudança foi a nossa disposição em trabalhar em equipe, um colaborando com o outro”.

Thaylaine: “Eu vi que a pedagogia da cooperação é uma ação super atual e muito útil para o dia a dia em sala de aula e fora dela”.

Alex: “Observação e cooperação”.

Thaís: “Iniciou com pouca afinidade entre os alunos e dinâmicas mais fáceis. E terminou com muito entrosamento e dinâmicas que necessitam de mais parcerias”.

Isabele: “Começamos sem muita interação entre a turma, e com as dinâmicas conseguimos criar vínculos afetivos, e a turma começou a interagir muito mais”.

Thaíza: “O pensar no coletivo, o discutir situações problemas me possibilitou repensar meus conceitos do que é ser um docente”.

Inês: “Aos poucos o trabalho foi se transformando numa “terapia”, mostrando e deixando as atividades prazerosas, digo, como as atividades podem ser prazerosas”.

Bruna: “Evolução no modo de pensar, superação para alcançar objetivos, interação com o grupo”.

Ana Paula: “As mudanças ocorreram no momento que tivemos o primeiro contato, como é bom olhar nos olhos dos outros e procurar entender, como não tratar a quem sem olhar como está e o principal saber agir em grupo”.

Antônio: Empatia, a busca pelo sentimento de união”.

Winnie: “O pensamento sobre como trabalhar com as crianças na escola utilizando a cooperação”.

Beatriz: “Me tornei mais reflexiva em minha prática e a dúvida que eu estava em relação a seguir ou não o magistério, foi sanada. Tenho certeza de que estou no meu lugar”.

Flávia: “Fortaleceu em mim a importância da cooperação para um trabalho rico e prazeroso”.

Priscila: “Todos nós ficamos mais reflexivos, compreensivos e deletamos aquela “mania” de competição fazendo a cooperação ser indispensável em nosso dia a dia”.

Michelle: “Muitas mudanças. Pude ampliar o olhar no contexto de desenvolver uma aula mais dinâmica”.

Ana Nery: “Cooperar nos traz surpresas agradáveis”.

Maria Nazaré: “Agora me sinto bem melhor e menos tímida e daqui pra frente vai melhorar mais ainda. Com as dinâmicas eu aprendi como é bom a união dos colegas”.

Renata: “A mudança foi notória, pois me tornei uma mãe mais carinhosa, atenciosa e prestativa. Como professora mudei a minha postura no momento da chegada. Pois quando inicio minhas aulas sempre começo com músicas. Ex.: aquele: Olá como vai?”

Ingrid: “Mostrou de várias maneiras o cuidar, o olhar no olho, se interessar pelo próximo”.

Keroline: “Me tornei uma professora com mais esperança na educação e também mudei alguns hábitos na sala de aula, sendo mais atenciosa e muito mais carinhosa e lógico sempre trazendo novidades para meus alunos”.

Caroline: “ Deixou a turma mais próxima, me deixou mais alegre, esperançosa e cada dia ser mais apaixonada pela profissão que eu escolhi seguir”.

Adrielle: “As mudanças que aconteceram foram na minha vida pessoal, em casa com minha família pois me tornei muito mais atenciosa, na vida profissional também foi notória minha melhora”.

Samara: “ Só reforçou o que eu já acreditava. Quanto o outro é importante”.

Gabriella: “Fiquei mais esperançosa, percebi que preciso me colocar no lugar dos meus alunos e proporcionar para eles o aprendizado de forma lúdica como recebi de vocês. Tenho me preocupado mais com a forma de ensinar. E tenho vindo a faculdade mais entusiasmada”.

6. Pergunta: “Depois de ter participado desse trabalho com a Pedagogia da Cooperação, você acredita ter modificado a maneira com que você planeja suas aulas?”

Gisele: “Como ainda não trabalho em escola, não posso responder essa pergunta, mas com certeza me deu muita base para preparar para ser uma boa futura professora”.

Thaylaine: “Sim. Hoje eu penso em aulas no coletivo, com a participação de todos, provendo dinâmica em grupos, etc”.

Alex: “Ainda não planejo, mas meus trabalhos com adolescentes, mudou sim”.

Thaís: “Muito, além de abrir leques de opções, mudou a forma de ver as práticas e convívios entre alunos”.

Isabele: “Eu, no momento, não estou dando aula, mas mudou meu pensamento em relação a pedagogia da cooperação. Colocar isso no dia-a-dia em sala de aula faz diferença”.

Alex: “Ainda não faço planejamento de aulas, mas faço planejamento do meu trabalho e nele pretendo colocar em prática sempre as dinâmicas de cooperação, eu já fazia inconscientemente.

Thaíza: “Bom, não planejo pois ainda estou como auxiliar. Entretanto melhorou a minha prática em sala de aula com minhas crianças e isso levarei comigo para sempre. Só posso agradecer por esta oportunidade.

Inês: “Acredito que usarei muito tudo que foi apresentado nos encontros, pude perceber que toda a sociedade tem muito a lucrar implantando atividades cooperativas nas escolas”.

Bruna: “Sim, os diversos tipos de métodos dinâmicos são mais agradáveis e facilita a interação”.

Ana Paula: “ Sim, venho sempre analisando como meus alunos chegam e se posso aplicar o conteúdo do jeito que planejei, se irá abraçar a todos. Com a cooperação pensamos mais antes de planejar e exercer a função na qual está ali para atuar.Obrigada a todos por nos motivar, neste caminho de alegria e aprendizagens”.

Antônio: “O objetivo do trabalho é ser você mesmo”.

Ingrid: “Minhas aulas têm recebido grande influência de tudo o que foi aprendido nos encontros e tenho a grande certeza de que meus alunos têm sido afetados ainda mais com minhas novas práticas”.

Winnie: “Não planejo aulas”.

Beatriz: “Com certeza! Os trabalhos em equipe, a união apresentada, o laço afetivo que criamos me fez ver a importância de tais valores e como eu posso passar isso para os meus alunos”.

Flávia: “Sim, sem dúvidas nossas aulas e brincadeiras que fizeram parte delas foram enriquecedoras. Porque por mais que a gente ache que sabe trabalhar, cada brincadeira abre um novo horizonte para nossa prática”.

Priscila: “Sim. Minhas aulas tornaram-se mais atrativas e meus alunos entenderam o verdadeiro sentido da palavra “cooperar”.

Michelle: “Com certeza, o olhar que eu tinha dos meus planos de aula eram diferentes, através da pedagogia da cooperação ampliei o olhar de uma forma diferenciada”.

Ana Nery: “Sim. Mudou minha maneira de ver as “coisas”.

Renata: “Sim, com certeza. Como disse nas duas respostas anteriores é transparente como minha rotina foi modificada. Hoje vejo que vocês foram bênçãos na minha vida. Muito obrigada por ter me ajudado a ver meus planos de aula de uma forma mais dinâmica. # Serei eternamente grata”.

Ingrid: “Depois do conhecimento pelas dinâmicas e todo trabalho feito de trazer para o ambiente escolar a vivência do aluno, isso agrega toda uma ludicidade para o trabalho ser mais prazeroso e eficaz”.

Keroline: “Sim. Sempre que vou fazer o meu plano de aula lembro das aulas e levo para sala de aula outras maneiras de ensinar”.

Caroline: “Eu não planejo aulas pois sou auxiliar mas passei a ver a turma com outros olhos e pensar em como eu planejaría as minhas aulas se eu estivesse no lugar da professora”.

Adrielle: “Com toda certeza melhorou, minhas aulas se tornaram ainda mais dinâmicas”.

Samara: “ Sim, eu mudei a forma como vejo a escola e também os alunos, percebi o quanto que o trabalho em conjunto é importante”.

Gabriella: “Ainda não fiz planejamento pois só faço no 2º e 4º bimestre pois é compartilhado mas inseri brincadeiras e saberes de forma lúdica nas aulas”.